

#Docum	Address	Title	Author	Date	Type
297	M8	FOLHA DE SAO PAULO/POSTO ZERO	XY	/ /	ZT
224	M8-FSP/PZ-01	SITUACOES COMPLICADAS	VF	22/01/72	P1v
227	M8-FSP/PZ-02	CACOS DE GARRAFAS - III	VF	26/01/72	P1v
226	M8-FSP/PZ-02	CACOS DE GARRAFAS - II	VF	25/01/72	P1v
225	M8-FSP/PZ-02	CACOS DE GARRAFAS - I	VF	24/01/72	P1v
228	M8-FSP/PZ-03	OLHARES NO PARQUE	VF	03/02/72	P1v
248	M8-FSP/PZ-03	OS VALORES DO OCIDENTE	VF	26/01/72	P1
249	M8-FSP/PZ-04	DECADENCIAS DA CIDADE	VF	02/02/72	P1
656	M8-FSP/PZ-04	XADREZ	VF	02/02/72	P1
250	M8-FSP/PZ-05	CONSIDERACOES TRANSITORIAS	VF	04/02/72	P1x
251	M8-FSP/PZ-06	BENGALAS	VF	08/02/72	P1v
252	M8-FSP/PZ-07	A MORTE	VF	11/02/72	P1v
253	M8-FSP/PZ-07	GERACOES	VF	09/02/72	P1v
254	M8-FSP/PZ-08	COMECO (provavel lo. artigo da	VF	21/01/72	P1
255	M8-FSP/PZ-08	SEXO	VF	17/02/72	P1v
256	M8-FSP/PZ-09	SERIE CARNAVALESCA I - SINTESE	VF	13/02/72	P1v
257	M8-FSP/PZ-09	SERIE CARNAVALESCA II - MASCAR	VF	14/02/72	P1v
258	M8-FSP/PZ-10	SERIE CARNAVALESCA III - FESTA	VF	15/02/72	P1v
259	M8-FSP/PZ-10	SERIE CARNAVALESCA IV - CINZAS	VF	16/02/72	P1v
260	M8-FSP/PZ-11	MULHERES	VF	18/02/72	P1v
261	M8-FSP/PZ-12	UM POEMA	VF	20/02/72	P1
262	M8-FSP/PZ-12	ENSINO	VF	19/02/72	P1v
263	M8-FSP/PZ-13	ENSINO SUPERIOR	VF	22/02/72	P1
264	M8-FSP/PZ-14	SERIE RIGOROSAMENTE FAMILIAR I	VF	23/02/72	P1
265	M8-FSP/PZ-14	SERIE RIGOROSAMENTE FAMILIAR I	VF	24/02/72	P1
266	M8-FSP/PZ-14	SERIE RIGOROSAMENTE FAMILIAR I	VF	25/02/72	P1
267	M8-FSP/PZ-15	SERIE ALTAMENTE EMOTIVA I - IR	VF	26/02/72	P1
268	M8-FSP/PZ-15	SERIE ALTAMENTE EMOTIVA II - P	VF	29/02/72	P1
269	M8-FSP/PZ-15	SERIE ALTAMENTE EMOTIVA III -	VF	01/03/72	P1
270	M8-FSP/PZ-16	PARA CANDIDATOS A BURGUESIA I	VF	03/03/72	P1
271	M8-FSP/PZ-17	PARA CANDIDATOS A BURGUESIA II	VF	07/03/72	P1
272	M8-FSP/PZ-18	PARA CANDIDATOS A BURGUESIA II	VF	08/03/72	P1
273	M8-FSP/PZ-19	PARA CANDIDATOS A BURGUESIA V	VF	10/03/72	P1
274	M8-FSP/PZ-20	PAGANISMO I	VF	15/03/72	P1
275	M8-FSP/PZ-20	PAGANISMO II	VF	16/03/72	P1
276	M8-FSP/PZ-21	PAGANISMO III	VF	17/03/72	P1
277	M8-FSP/PZ-21	PAGANISMO IV	VF	18/03/72	P1
278	M8-FSP/PZ-22	GRANDEZA	VF	21/03/72	P1
279	M8-FSP/PZ-22	DESASTRES NA ENGENHARIA	VF	31/01/72	P1
280	M8-FSP/PZ-23	BICHOS I - FORMIGAS	VF	22/03/72	P1
281	M8-FSP/PZ-23	BICHOS II - CHIMPANZES	VF	23/03/72	P1
282	M8-FSP/PZ-24	BICHOS III - UNICORNIOS	VF	28/03/72	P1
283	M8-FSP/PZ-24	BICHOS IV - O BICHO DE SETE CA	VF	25/03/72	P1
284	M8-FSP/PZ-24	BICHOS V - GENTE	VF	28/03/72	P1
285	M8-FSP/PZ-25	INFERNO I	VF	29/03/72	P1
286	M8-FSP/PZ-25	INFERNO II	VF	30/03/72	P1v
287	M8-FSP/PZ-25	INFERNO III	VF	31/03/72	P1v
288	M8-FSP/PZ-26	INFERNO IV	VF	01/04/72	P1v
289	M8-FSP/PZ-26	INFERNO V	VF	04/04/72	P1v
290	M8-FSP/PZ-27	HOMENS FAMOSOS III - FULANO DE	VF	07/04/72	P1v
291	M8-FSP/PZ-27	HOMENS FAMOSOS II - O HOMEM DE	VF	06/04/72	P1
292	M8-FSP/PZ-27	HOMENS FAMOSOS I - NERO	VF	05/04/72	P1
293	M8-FSP/PZ-28	MUSA I - A de pedra	VF	12/04/72	P1
294	M8-FSP/PZ-28	HOMENS FAMOSOS IV - O PAI DE O	VF	08/04/72	P1
296	M8-FSP/PZ-29	PARA CANDIDATOS A BURGUESIA IV	VF	09/05/72	P1
295	M8-FSP/PZ-29	PAREDES	VF	08/04/72	P1v
408	M8-FSP/PZ-30	MUSAS II - AS NOVE / *1	VF	/ /	P1
409	M8-FSP/PZ-31	MUSAS III - AS INTELLECTUAIS /	VF	/ /	P1
410	M8-FSP/PZ-32	MUSAS IV - AS BOCAS / *1	VF	/ /	P1
411	M8-FSP/PZ-33	MUSAS V - AS ASPAS / *1	VF	/ /	P1

TEXTOS DE VILEM FLUSSER:

- 21.01.72 - "Começo" ✓
- ✓ 22.01.72 - "Situações complicadas" ✓
- ✓ 26.01.72 - "Os valores do Ocidente" ✓
- ✓ 28.01.72 - "Cacos de garrafa - I" ✓
- ✓ 29.01.72 - "Cacos de garrafa - II" ✓
- ✓ 31.01.72 - "Desastres na engenharia" ✓
- ✓ 01.02.72 - "Cacos de garrafa - III" ✓
- ✓ 02.02.72 - "Decadência das cidades" ✓
- ✓ 03.02.72 - "Olhares no parque" ✓
- ✓ 04.02.72 - "Considerações transitórias" ✓
- ✓ 07.02.72 - "Paredes" ✓
- ✓ 08.02.72 - "Bengalas" ✓
- ✓ 09.02.72 - "Gerações" ✓
- ✓ 11.02.72 - "A morte" ✓
- ✓ 12.02.72 - "Síntese (Série carnavalesca I)" ✓
- ✓ 14.02.72 - "Máscaras (Série carnavalesca II)" ✓
- ✓ 15.02.72 - "Festa (Série carnavalesca III)" ✓
- ✓ 16.02.72 - "Cinzas (Série carnavalesca IV)" ✓
- ✓ 17.02.72 - "Sexo" ✓
- ✓ 18.02.72 - "Mulheres" ✓
- ✓ 19.02.72 - "Ensino" ✓
- 20.02.72 - "A Longa Viagem - I (América e China: os sonhos)" ✓
- 21.02.72 - "América e China: dos mitos" ✓
- 22.02.72 - "América e China: dois mitos" ✓
- 22.02.72 - "Ensino Superior" ✓
- 23.02.72 - "Série rigorosamente familiar - I (Netos)" ✓
- 24.02.72 - "Série rigorosamente familiar - II (Tios)" ✓
- 25.02.72 - "Série rigorosamente familiar - III (Primos-irmãos)" ✓
- 26.02.72 - "Série altamente emotiva - I (Ironia)" ✓
- 29.02.72 - "Como avaliar os resultados de Pequim?" ✓
- 29.02.72 - "Série altamente emotiva - II (Paixão)" ✓
- 01.03.72 - "Série altamente emotiva III (Indiferença)" ✓
- 03.03.72 - "Boas maneiras" ✓
- 07.03.72 - "Progredir na vida" ✓
- 08.03.72 - "Moral sadia" ✓
- 09.03.72 - "Copa e cozinha" ✓
- 10.03.72 - "Economia e negócios" ✓

ICH HABE VON DER ZEITUNG  
DIESE LISTE VON ALLE  
PUBLIZIERTE ARTIKLE, BEKOMMEN.  
BITTE SCHREIB MIR  
~~WAS FÜR~~ WELCHE  
IN UNGERE ARCHIV  
FEHLEN.

MAMA, Ich küsse dich  
Klaus, ich frösse dich

- 11.03.72 - "Paz no Oriente Próximo?: Os Judeus em Israel" ✓
- 11.03.72 - "Um poema" ✓
- 12.03.72 - "Paz no Oriente Próximo?: Os judeus no mundo" ✓
- 15.03.72 - "Paganismo - I" ✓
- 16.03.72 - "Paganismo - II" ✓
- 17.03.72 - "Paganismo - III" ✓
- 18.03.72 - "Paganismo - IV" ✓
- 19.03.72 - "Fósseis sócio-políticos" ✓
- 21.03.72 - "Grandeza" ✓
- 22.03.72 - "Bichos - I (Formigas)" ✓
- 23.03.72 - "Bichos - II (Chimpanzés)" ✓
- 24.03.72 - "Bichos - III (Unicórnios)" ✓
- 25.03.72 - "Bichos - IV (O bicho de sete cabeças)" ✓
- 26.03.72 - "O automóvel e o Estado soberano" ✓
- 28.03.72 - "Bichos V. Gente" ✓
- ✓ 29.03.72 - "Inferno - I" ✓
- ✓ 30.03.72 - "Inferno - II" ✓
- ✓ 31.03.72 - "Inferno - III" ✓
- ✓ 01.04.72 - "Inferno - IV" ✓
- 02.04.72 - "Os países subdesenvolvidos" ✓
- ✓ 04.04.72 - "Inferno V" ✓
- 05.04.72 - "Homens famosos - I (Nero)" ✓
- 06.04.72 - "Homens famosos - II (O Homem de Piltown)" ✓
- 07.04.72 - "Homens famosos - III (Fulano de Tal)" ✓
- 08.04.72 - "Homens famosos - IV (O pai de Homero)" ✓
- 12.04.72 - "Musas - I (A de pedra)" ✓
- 31.08.80 - "O elo perdido da comunicação (A classe média expulsa do paraíso)"  
Folha de S. Paulo - Folhetim - página 6
- 06.12.81 - "A arte como embriaguez (Artes plásticas no Brasil hoje - impasse ou transição)" Folha de S. Paulo - Folhetim - página 12

\* as nove  
as intelectuais } Musas II - V nicht veröffentlicht!  
as bocas  
as aspas

\* einige Daten im PC ändern

\* "Uma geração revolucionária" ?

## POSTO ZERO

### Situações complicadas

VILÉM FLUSSER

O mundo é complicado, e a humanidade, obrigada a viver nele, sempre soube disto: As complicações do mundo sempre representaram problema. Houve sempre gente que procurou o simples, supostamente escondido no fundo do complicado (chamemos tal gente de "românticos"), e outros que buscaram complicar ainda mais as coisas, desenvolvê-las (chamemo-los de "progressistas"). Mas atualmente surgiu novo problema. Não o do mundo complicado, mas o problema da própria complexidade. Toda uma nova disciplina, a cibernética, trata de sistemas complexos. A teoria da informação procura estabelecer ligação íntima entre informação e complexidade. O estruturalismo é uma maneira de ver as coisas inseridas em estruturas complexas. O problema da complexidade surgiu, é óbvio, porque o mundo no qual vivemos está se tornando excessivamente complicado. Graças à revolução industrial, mas não apenas graças a ela. O homem quer orientar-se no mundo, e para poder fazê-lo, levanta o problema da complexidade.

Uma das descobertas relativas à complexidade é esta: Quanto mais complicado um sistema, tanto mais frágil. O corpo humano, por ser mais complicado, é mais frágil que um cristal de carbono. E quando alcança um estágio determinado de complexidade, (um estágio crítico), o sistema explode. Para dar lugar a sistemas mais simples, mas possivelmente mais "avançados". Os répteis do cretáceo eram mais complicados que os mamíferos e as aves. Vários sistemas estão atualmente em crise neste sentido. Alcançaram estágios de complexidade que permite prever seu desaparecimento. (Embora não permita prever quais os sistemas que tomarão seus lugares). Um entre tais sistemas é, por exemplo, o Estado, (escrito com malusculo, como Deus). Não é o Estado capitalista, ou socialista, ou neocapitalista, que está em crise. O Estado "tout court" está em crise, porque está alcançando a máxima complexidade que pode comportar. Uma observação da cena, por superficial que seja, o

A complexidade torna ainda a absorção de fatores imprevistos, e amplia os efeitos de perturbações pelo sistema todo. Um acidente de trânsito em Manhattan no início do século, (cavalo caído na rua), perturba o trânsito naquela rua, perturbação essa eliminada com a eliminação do cavalo. Um acidente de trânsito na Manhattan atual, (engarrafamento em túnel), põe em questão a vida em toda Nova York e nos Estados vizinhos, e sua eliminação é difícil, demorada, e custosa. Falhas no sistema de fornecimento de energia ou água podem pôr em perigo a vida de milhões de pessoas, como o prova a recente queda do sistema elétrico na costa oriental dos Estados Unidos. Greves, atos de pirataria, e outras perturbações outrora marginais, ameaçam atualmente o sistema todo.

O Estado foi programado, enquanto sistema complexo, para reagir às perturbações complicando ainda mais as coisas. As suas "glândulas" legislativas e executivas secretam torrentes de regras, (do trânsito, de preços, de manutenção da ordem), para lubrificar os lugares de atrito. Assim é estabelecido o círculo vicioso ao qual as "complicações da complexidade" resultam em maior complexidade. O resultado seria cômico, não fosse desesperadamente perigoso. O Estado investe quantias enormes para evitar crimes clássicos, (assassinatos etc.), quando o maior matador é o trânsito apoiado financeiramente pelo Estado, (fábricas de automóveis). A juventude protesta contra genocídios clássicos, (guerras), e o Estado financia as fontes do genocídio atual, (poluição em todos os sentidos). Os Estados Unidos e a União Soviética estão empenhados na corrida armamentista, (inclusive defesa balística), cujo custo envolve cifras que poderiam alterar o bem-estar da humanidade, quando não importa que cidade americana ou russa possa ser comodamente destruída por bombas importadas em malas de viajantes. Os exemplos do absurdo podem facilmente ser multiplicados. O Estado foi criado, dizem, para tornar a vida mais suportável. E, quanto mais complexo, tanto mais insuportável a torna.

O Estado parece ser, pois, sistema condenado. Difícil imaginar como será superado. As fantasias dos anarquistas clássicos obviamente não servem de modelo. Mas há sintomas, nos movimentos de juventude dos países "desenvolvidos", que parecem apontar vagamente a direção na qual tal superação pode ser vislumbrada. Este é um dos aspectos mais importantes das modificações radicais que ocorrem atualmente. Oxalá tenha êxito, antes que os Estados nos soterrarem em seus escombros.

## Cacos de garrafas - I

VILEM FLUSSER

Dizem que a nossa é uma sociedade de consumo. Será verdade? Não será ela, pelo contrário, sociedade inepta para o consumo? Consumir significa gastar as formas das coisas, "desinformar" portanto. E produzir significa impor formas sobre as coisas. As coisas são "dadas" e o conjunto dos dados é a natureza. Produzir é pois informar coisas naturais e transformá-las em cultura. E consumir é desinformar as coisas culturais e devolvê-las à natureza. Este o metabolismo da cultura: devora natureza produzindo e secreta natureza consumindo.

Mas e os cacos de vidro? O fato é este: Coisas naturais, (por exemplo cascalho), receberam formas e passaram a ser coisas culturais, (por exemplo garrafas). Em seguida, as garrafas foram sendo utilizadas e acabaram quebradas e jogadas fora. Agora são cacos. Mas não voltaram a ser natureza. Porque não perderam de tudo a sua forma. E que não foram inteiramente consumidos. São formas vazias, ultrapassadas, sem valor, mas obviamente não são natureza. São lixo. Quicá um dia daqui há muito tempo, serão inteiramente desintegradas pela ação da natureza. Mas nós não estaremos mais por aí para presenciar isto. De maneira que o metabolismo da cultura é este: devora natureza produzindo e secreta lixo consumido imperfeitamente.

Somos determinadas pela natureza. Por exemplo: o cascalho pode machucarnos. Somos determinados pela cultura. Por exemplo: se queremos beber refrigerante, precisamos de garrafas. E somos determinados pelo lixo. Por exemplo: cacos de garrafas podem ferir-nos. Já que a nossa não é sociedade de consumo, mas de produção crescente e de ineptidão para o consumo, acontece isto: a natureza nos determina sempre menos, porque a produção a esvazia. A cultura nos determina sempre mais, porque acumulamos sempre mais produtos. E o lixo passa a determinar-nos decisivamente, porque passa a amontoar-se em toda parte. Em outras: cascalho interessa sempre menos, e sempre se tornam mais interessantes garrafas e cacos de garrafas.

As ciências da natureza procuram libertar-nos da determinação natural, ao descobrir como ela funciona. Por exemplo: a aerodinâmica faz com que possamos voar, embora a natureza parece querer impedir isto. As ciências da cultura procuram fazer o mesmo quando a determinação imposta pelo

## Cacos de garrafas. III

VILEM FLUSSER

É importante saber que os cacos não são: não são nem natureza nem cultura. Isto é importante para podermos compreender aquilo que está acontecendo em nosso tempo. Cacos não são natureza, embora possam estar localizados na natureza. Não o são, porque são marcados pela ação informadora do homem. E não são cultura, embora possam ser considerados fenômenos históricos, portanto humanos: Não o são, porque não tem valor e foram recusados pelo homem. Como algos vermelhas não são natureza, embora plantas, mas lixo. (São consequência da ação humana). E como o chauvinismo não é cultura, embora fenômeno da história, mas lixo. (É forma vazia e superada).

Considerem alguns aspectos do movimento hippie, especialmente aqueles que contestam a cultura. Os pés sujos e cabelos compridos não são natureza, mas lixo. São consequência da ação humana. Há ações negativas, que não são menos ações por serem negativas. Não lavar os pés é ação, porque consequência de opção deliberada. Tais hippies nada têm de romântico (volta à natureza), mas são opção deliberada em prol do lixo.

As tentativas dos hippies de fazer tudo com as próprias mãos ("do it yourself"), não são nem cultura nem anticultura, mas lixo. E que são tentativas superadas há muito pela história da humanidade. São formas esvaziadas pela revolução industrial, eliminadas do repertório da cultura. Tais hippies nada têm de pioneirismo e nenhuma ação pode ser considerada revolucionária se recorre a formas superadas e esvaziadas. São engajamento deliberado no lixo.

O lixo não pode ser neutralizado pela decisão deliberada de adorá-lo. Os odoradores dos cacos de garrafa não podem representar o futuro. Para neutralizá-lo é preciso compreender o lixo e desmascará-lo. É preciso que saibamos quais das formas que nos cercam perdem o valor, se tornaram vazias, e continuam presentes apenas por não terem sido bem consumidas. Tarefa difícil e às vezes perigosa. Porque os cacos de garrafa podem ferir-nos. Nesse sentido continuam funcionando.

A dignidade humana se manifesta em dois mo-

## Cacos de garrafas-II

VILEM FLUSSER

Cultura é o conjunto das coisas informadas por homens. Por exemplo: garrafas. As coisas para serem informadas são tiradas da natureza (produzidas). Por exemplo: cascalho. A cultura avança contra a natureza: a natureza lhe é futuro. Algumas das coisas assim informadas são guardadas, poupadas. Perfazem o repertório da cultura. Outras são gastas e jogadas fora sem terem sido inteiramente consumidas. Por exemplo: cacos de garrafas. O conjunto de tais coisas é o lixo. A cultura deixa um rastro de lixo no seu avanço natureza a dentro. O lixo é o passado da cultura.

A idade de uma determinada cultura pode ser medida pela relação "natureza-lixo". Quanto mais velha uma dada cultura, tanto menos natureza tem, e tanto mais lixo. Menos futuro e mais passado. A nossa é velha cultura. A natureza está desaparecendo, o lixo está se tornando presente. Estamos nos aproximando, especialmente nas sociedades desenvolvidas, da plenitude dos tempos. Toda natureza será transformada em lixo. Não haverá mais cascalho, apenas cacos de garrafas. E em tal oceano de cacos, ilhas de garrafas cheias e vazias.

Em tal situação o problema do lixo passa a ser mais empolgante que o problema da natureza. O cascalho não interessará tanto (e nem Marte nem o aparelho digestivo das formigas), e o interesse se concentrará sobre cacos de garrafas (e outras formas mal consumidas, como instituições e ideologias superadas). As ciências do lixo ocuparão o centro da cena. Ciências que pesquisam o lixo material (por exemplo a arqueologia e a ecologia). E ciências que pesquisam o lixo mental (por exemplo: psicanálise e mitologia). Tais ciências procurarão compreender o lixo, desenterrá-lo, a fim de que ele deixe de condicionar-nos e passe a obedecer à nossa vontade livre.

Um exemplo: no Renascimento foi desenterrado o lixo grego pela arqueologia (o Apolo do Belvedere), e passou a formar a base de um novo mundo do homem moderno. Assim está desenterrando a psicanálise o lixo imemorial no fundo da nossa mente, a fim de evitar que nos inunde (como o fez no caso do nazismo), e passe a servir-nos. É preciso não ter nojo vitaliano do lixo, para evitar que ele surja à tona como Hitler. É preciso assumir o lixo, para realmente superá-lo. O inconsciente tornado consciente deixa de ser perigoso.

Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1972

## Posto Zero

### Olhares no parque

VILÉM FLUSSER

*Cena: Parque de cidade européia. Tempo: tarde ensolarada. Dramatis personae: burgueses sentados em cadeiras e bancos. Enredo: Gente passa pelos sentados sem ser percebida. Como é isto possível? Assim: O passante aparece no campo da visão do sentado e provoca estas reações: o olhar se desvia e fixa um pardal; ou o olhar atravessa o passante e o torna transparente, ou o olhar se torna vazio e o passante passa por abismo. Há uma quarta variante do tema do aniquilamento: o olhar desprevenido do sentado cruza com o olhar do passante e precipita-se, fulminado, dentro do colo do sentado.*

Há vários tipos de olhares. O amoroso que se perde no outro, o cubitoso que envolve o outro, o odioso que penetra o outro, o medroso que espia o outro. São olhares para o outro. E há os olhares surpresos, admiradores, apreciadores, divertidos, interessados, examinadores. São olhares que transformam o outro em coisa. O olhar para o outro reconhece o outro enquanto parceiro. O olhar coisaificador procura conhecer o outro para poder utilizá-lo. O olhar do parque aniquila o outro.

Alguns afirmam que os olhares para o outro rareiam atualmente, e que predominam os olhares coisaificantes. Isto é explicável. O rápido progresso das ciências do homem, (antropologia, psicologia, economia, sociologia, psicofarmacologia), aumenta nosso conhecimento do homem e dificulta o nosso reconhecimento do homem enquanto outro. Podemos sempre melhor manipular os homens, (pelos meios de comunicação, pelo manejo da economia e política, por drogas), e em consequência conseguimos sempre menos dialogar com os outros. A nossa solidão aumenta, não sabemos mais olhar para o outro.

Mas o olhar do parque é ainda diferente. Aniquila o outro sem necessidade para recorrer a campos de aniquilamento. O sentado no parque não admite que o outro existe, nem sequer como coisa. Contempla o vazio. Está sentado no além da história, no além do humanismo. Quiçá na "plenitude dos tempos". Os parques das cidades européias são, neste sentido curioso, paraísos. Os sentados neles estão sentados no tempo parado, na eternidade. Cada qual em sua redoma individual, emanando um frio desumano. Esta é a "póshistória", a meta de todo desenvolvimento.

Se, quem passar pelo parque, for brasileiro, dará graças a Deus, (ou a seus vários equivalentes atuais), por ser subdesenvolvido.

## POSTO ZERO

### Os valores do Ocidente

VILÉM FLUSSER

Sou ocidental, ou pelo menos assim me assumo. Que significa isto? Não pode significar minha localização geográfica, já que o Oriente Extremo fica a Oeste do Far West, e já que nos polos o sentido ocidental perde sentido. Significa que me assumo participante de determinada cultura. Mas determinada como? Acaso na Primeira Guerra os ingleses não defendiam o "Ocidente" contra os alemães, na Segunda os alemães contra os russos, e os russos o defendiam contra a Ásia durante mil anos, (e o continuam defendendo contra a China com veemência redobrada atualmente)? Ser ocidental para si não implica pois em ser ocidental para os outros. Parece que o Ocidente é aquela cultura da qual eu participo. (Não importa quem seja tal "eu"), e na qual eu ocupo um lugar central e elevado. Curiosíssima serra esta.

Curioso também que o Ocidente deve ser defendido. Contra quem e acaso não domina ele o Globo? E claro: são os "valores" do Ocidente que devem ser defendidos, e contra aqueles que "negam" tais valores: Quais são esses valores? Os defensores dos valores têm dificuldade em defini-los. E por que alguns teimam em negá-los? Terão outros? Talvez o seguinte seja o caso: os valores do Ocidente são aquelas formas de viver às quais estou acostumado, e as quais me convêm, já que sou inerte. Definição altamente "subjéctiva" do Ocidente e seus valores.

Os filósofos da cultura procuram torná-la mais objetiva. Dizem por exemplo que "ocidental" é aquela cultura que resultou da síntese entre judeus e gregos. A cristã portanto. Mas o Islã, não será ele síntese dos mesmos elementos? Será ocidental o Islã, ou será cultura diferente? E os judeus atuais, serão ocidentais, ou proto-ocidentais; ou quê, afinal das contas? E os gregos atuais, com sua cozinha turca, e as barbas dos papos? Será cultura bizantina, (por exemplo a russa), variante da ocidental ou será um Oriente dentro do Ocidente? E o Brasil; com suas populações africanas e orientais, com seu "espiritismo" e seu carnaval, será ele Ocidente, ou mistura de culturas, ou nova cultura nascendo? As tentativas de tornar objetiva a definição do Ocidente não podem ser consideradas muito bem sucedidas.

O fato é este: o homem é ente que pode ser comparado a sanduíche. Há nele camadas muito profundas, nas quais ele é determinado pela natureza, (por exemplo pelo fato de ele ser mamífero antropoide). Em tal camada somos iguais todos. Há camadas nele, nas quais passa a ser determinado culturalmente, (por exemplo por mitos, por costumes, pela política, pela história, pela ciência e pelas artes). É nessa camada que se pode falar problemáticamente em "Ocidente e seus valores". E há camadas superiores, nas quais o homem se assume livre e indeterminado. Nelas procura superar as determinações naturais e culturais e modifica-las conscientemente. Em tal camada podemos e devemos ser iguais todos. As diferenças culturais entre os homens são portanto apenas intermediárias, embora muito reais infelizmente. É em tal perspectiva que deve ser colocado o problema dos valores do Ocidente.

Não cabe, sob tal perspectiva, "defender valores", sejam ou não ocidentais, e não importa quais sejam tais valores. Cabe tentar superar as divisões que separam a humanidade de forma criativa. Tal forma criativa seria uma síntese em novo nível dos vários valores que condicionam a humanidade. Implica, obviamente, em crítica consciente de todos os valores. Tarefa difícil. Mas está sendo empreendida. Na medida na qual estão caindo as barreiras culturais, está surgindo um novo homem. Não necessariamente um nívelamento cinzento por eliminação de diferenças. Mas possivelmente uma maneira mais rica de estar o homem no mundo, por ele ter mobilizado todas as virtualidades culturais da humanidade. Eis um aspecto da revolução que varre a atualidade. Se for bem sucedida, não importará distinguir os valores ocidentais de outros. Os valores que passarão pelo crivo da crítica serão todos universais. Inclusive aqueles que agora são "ocidentais", e todos serão ocidentais doravante. Como serão orientais, meridionais, nórdicos, ou qualquer categoria que nos ocorra. Em tal caso os valores ocidentais dispensarão defesas. O que, atualmente, não passa de utopia. Mas vale a pena tê-la em mira para quem quer evitar tornar-se vítima de "slogans" demagógicos em vias de esvaziamento.

Posto Zero

# Decadência das cidades

VILÉM FLUSSER

"Civilização" significa vida na cidade, e "cultura" vida no campo. (Embora no uso anglosaxão "cultura" signifique civilização primitiva, e no uso alemão "civilização") signifique o aspecto material da cultura. É o aspecto da atualidade que os abusos de termos latinos pelo pensamento germânico dominem o próprio pensamento latino.) Portanto: já que somos "civilizados", somos cidadãos, isto é: incultos. Os valores do civilizado são civildade, civismo e civilismo. A cultura é desprezada por sua vilania, (próprio da vila), e por seu paganismo, ( - próprio da paisagem). Os valores do culto são os valores da colheita, (por exemplo da agricultura). Portanto: da domesticação do agreste. Em suma: a civilização é política, a cultura é privada. Porque para o civilizado, sendo cidadão, o problema é o outro homem, e para o culto, sendo camponês, o problema é a natureza.

A revolução agrícola, a qual mecanizou a agricultura dos Estados Unidos nos anos 30, da Europa Ocidental nos anos 50, e dos estados socialistas atualmente, despovoou o campo e está liquidando a cultura. A poluição, a criminalidade e a revolução dos meios de comunicação estão atualmente despovoadando as cidades europeias e americanas e vão liquidar a civilização portanto. Vai surgindo um novo tipo de vida, nem civilizado, nem culto, a vida suburbana. E este novo tipo de vida vai criando um novo tipo de homem.

A cena está mudando. As indústrias passam a ser oásis verdes no campo, cercadas de residências ajardinadas. Shopping Centers formam grandes nós nas redes rodoviárias que cobrem densamente a paisagem. Bancos, repartições, escolas, salas de música e teatros ocupam, em violenta descentralização, os espaços tornados vagos pelo despovoamento das aldeias. O "milagre econômico" se manifesta na opulência deste tipo de vida, e as remanescentes da miséria se concentram nas grandes cidades. Morar na cidade passou a ser sintoma de pobreza. E a diminuição da população urbana passou a ser medida do progresso. Este é um aspecto importante da atualidade.

Xadrez

Lá está o tabuleiro de xadrez com suas 32 peças. Curioso aglomerado de coisas. Plano coberto geométricamente por 64 quadrados escuros e claros, a própria imagem do iluminismo. E 32 peças de madeira barrocas. Como captar a essência desse grupo de coisas?

Tomem o peão como exemplo. O essencial nele não é que seja madeira, nem amarelo, nem que tenha a forma de pagode em caricatura, nem sequer que tenha sido feito com o propósito de fazer parte do jogo. O essencial nele é isto: poder avançar verticalmente e poder comer diagonalmente. É sua essência formar pares diagonais poderosos e pares verticais importantes, e poder fazer o salto dialético em dama na última fileira. Tal essência, latente no peão, torna-se patente no jogo, e na reflexão, (como agora).

Tomem a torre como exemplo. Lembra as torres mouriscas nas praças de Andaluzia, e isto não pode ser acaso. Diz respeito à história do jogo. Mas o aspecto histórico não é a essência da torre, embora os historicistas, (dialéticos ou não), possam afirmá-lo. A sua essência, pelo contrário, é esta: poder dominar, qual tanque irresistível, em sentido horizontal e vertical o campo todo, arrazar tudo no seu avanço, mas ser impotente diagonalmente. Essência contraditória esta. Domina o caráter da torre. No início se esconde, tímida, no seu canto. No meio do jogo torna-se orgulhosa e brutal, para mudar imperceptivelmente no desenvolvimento do jogo. Procura cercar astutamente as peças diagonais que castram, em sua humildade aparente, a sua potência dominadora. Se conseguir cercá-las, perpetrará um genocídio impiedoso nas fileiras do inimigo. No final, no entanto, procura barrar o avanço de um único peão antes desprezado, e requer a proteção do próprio Rei em tal tarefa humilhante. A essência da torre é o heralismo de um determinado tipo, não muito belo.

Como conseguiu a reflexão desvendar a essência enigmática das peças? Certamente não olhando as peças ingenuamente e sem preconceitos. Mas recorrendo ao conhecimento do jogo. Quem ignorar o jogo nada, jamais descobrirá a respeito. As peças

Cria problemas. Nem civilizado, nem culto, como será o homem depois das cidades terem totalmente decaído? Nem político, nem privado? Nem o outro homem, nem a natureza lhe serão problema? Quiçá o tédio tomará conta dele? Ou encontrará um novo tipo de motivação para viver vida cheia? Isto é uma das tarefas mais empolgantes para o futuro imediato. Enquanto isto, as cidades brasileiras continuam crescendo, em concorrência entre si e com as cidades asiáticas e africanas.

de xadrez são artificiais obras de arte. Quem procurar descobrir a essência de uma obra de arte ingenuamente, ("fenômeno logicamente"), não será, recelo, muito bem sucedido. O conhecimento do jogo é, creio, indispensável.

Diz Omar Khayyam que tudo isto aqui não passa de tabuleiro de xadrez, coberto de dias e noites, no qual o Destino joga, usando-nos como peças. Se quisermos descobrir a essência de tal jogo do qual somos peças, devemos tentar conhecer-lhe as regras.

Terça-feira, 8 de fevereiro de 1972

## Posto Zero

### Bengalas

VILÉM FLUSSER

Árvores tem galhos. Que são galhos? A resposta depende do meu ponto de vista. Por exemplo: se digo "são órgãos da árvore", vejo-os cientificamente. Se digo "são braços apontando o céu", vejo-os intuitivamente. Se digo "são obstáculos que me barram caminho", vejo-os passivamente (pacientemente). Se digo "são bengalas potenciais", vejo-os ativamente (bengaladamente).

O engajado vê a floresta como lugar geométrico de galhos que podem ser bengalas, e portanto devem ser bengalas. Tal cosmologia pode ser interpretada de várias maneiras. O romântico, (que quer voltar para a floresta), e o místico, (que quer confundir-se com a floresta), dirão que o engajado não vê a floresta. O cientista, (que quer conhecer a floresta objetivamente), dirá que o engajado está desvirtuando a floresta, querendo injetar-lhe "valores". O poeta, (que quer "inspirar-se" na floresta), dirá que o engajado está profanando a floresta. No entanto: todos eles usam bengalas. Com efeito: nem andar podem na floresta sem bengalas. Por que? Porque são homens. As duas pernas naturais não lhes bastam. Precisam de terceira.

Ao engajado não basta ver a floresta como lugar de bengalas possíveis. Pelo contrário: tal visão o obriga a quebrar galhos, manipulá-los, (com ou sem canivete), para transformá-los em bengalas, pegar nas bengalas, e utilizá-las contra a própria floresta. Esta é a vida do engajado: arrancar galhos florestais, modificá-los de acordo com modelos preconcebidos, (os vários modelos de bengalas), e usar estes galhos desflorestados e modelados antifloresticamente. Em tal tarefa visa não apenas desflorestar a floresta, (dominá-la), mas também integrar-se a si próprio na essência da floresta, a qual é para ele, ser bengalas possíveis. Portanto: ao desflorestar a floresta ele passa a florestar-se.

Pode haver, é claro, briga entre os engajados. Há vários modelos de bengalas, (por exemplo: bengalas liberais e socialistas). E é difícil saber-se quais são melhores. Porque, para sabê-lo, seria preciso saber-se primeiro qual a finalidade de bengalas. Mas tais brigas não importam, (embora encham com seu barulho a floresta toda), se comparadas com a diferença entre os engajados e os outros homens que passeiam pela floresta.

O verdadeiro problema é este: todos passeamos pela floresta, ora engajadamente, ora de outra maneira. E todos precisamos de bengalas. Mas acabaremos, saindo dela, (talvez voltando para casa?). Para que portanto bengalas, afinal das contas?

## Posto Zero

### A morte

VILÉM FLUSSER

Um aspecto fundamental da crise atual é a modificação da nossa atitude para com a morte. Indubitavelmente: nós morreremos. Sabemos disto não apenas por razões "objetivas". Por exemplo pela efemeridade dos órgãos do nosso corpo. E não apenas por analogia com outros. Por exemplo pelo fato de ninguém ter alcançado a idade de 200 anos. Mas sabemos da nossa morte graças a um conhecimento imediato. A saber: pela urgência com a qual vivenciamos todo instante. E o saber da limitação do nosso tempo. Mas que nós morreremos não significa necessariamente que todos deverão morrer sempre. A questão: "A morte é necessária?" está atualmente aberta. Pela primeira vez está aberta.

Claro: imortalidade só tem sentido se for do corpo. Até as religiões sabem disto. "Na minha carne verei Deus", porque se não for na minha carne, não serei eu quem verá Deus. Pela primeira vez a imortalidade do corpo tornou-se discutível significativamente. "Significativamente" um problema pode ser discutido apenas, se existirem métodos teóricos para solucioná-lo. Existem atualmente pelo menos três métodos teóricos para solucionar o problema da imortalidade do corpo.

É possível teoricamente substituir paulatinamente os órgãos gastos do corpo por outros. O corpo passa a ser estrutura intemporal capaz de absorver suas partes passageiras. Imortalidade da estrutura de todo corpo humano. É possível teoricamente retirar a memória de um corpo velho. (aproximadamente: o cérebro), reimplantá-la em corpo novo, (recém-nascido) e repetir a façanha indeterminadamente. Imortalidade da memória, (da personalidade). É possível teoricamente copiar determinado corpo nos mínimos detalhes, até ao nível das partículas atômicas. A cópia seria indistintível do original em tudo! Imortalidade do corpo enquanto original, e multiplicação ilimitada da vida individual. O terceiro método permite inclusive isto: A cópia pode ser feita a distância graças a determinados raios. Se quiser ver uma determinada estrela, não precisa deslocar-se até lá, mas basta fazer com a velocidade da luz um Xerox de si próprio em tal estrela.

Otimo: não é preciso morrer doravante. Isto não implica que é preciso viver-se eternamente. Pode morrer-se aonde, como e quando se deseja. Depois da superação da morte, surgirá a verdadeira liberdade. Será possível afirmar a vida, porque será igualmente possível negá-la. Por enquanto o suicídio apenas apressa o inevitável. É ato falso. Doravante passa a ser verdadeiro. Eis um aspecto do nosso drama: viver em tempo de crise. Não poder presenciar um futuro imaginável: nós morreremos, embora não seja necessária a morte.

## Posto Zero

### Gerações

VILÉM FLUSSER

O homem é ente cuja dignidade está na negação do mundo que o cerca, e no empenho de modificá-lo. Não aceita o dado. Para toda nova geração o feito pela anterior é dado. Daí o "conflito das gerações" tão falado. Os jovens dignos do nome têm portanto a impressão que é com eles que tudo vai mudar, que serão eles os grandes modificadores. A visão retrospectiva prova que tal impressão é geralmente engano. E "plus ça change, plus c'est la même chose" é geralmente a divisa que flutua por cima da humanidade. Geralmente, mas não sempre. Há gerações incisivas. Pode ser que a atualmente nova seja uma dessas.

Não porque a nova geração seja excepcionalmente dotada. Longe disto. Os que nasceram depois da segunda guerra nada produziram até agora que se compare com os feitos (científicos, artísticos ou sociais), realizados até os anos 40 pela geração precedente. (Para nem compará-los com gerações excepcionais como as que nasceram nos meados dos séculos 15 e 18). Não portanto por serem excepcionalmente dotados os novos que eles poderão mudar tudo, mas por serem os seus antecessores excepcionalmente esgotados, e portanto mutáveis. Nasceram os novos em mundo que grita por mudança. Os modelos da vida e do comportamento estão atualmente esvaziados e não podem continuar vigentes.

De modo que os papéis tradicionais das gerações estão atualmente invertidos de forma curiosa. Não é a velha geração que impõe seus modelos: a nova, e a nova geração que resiste a imposição pela velha. E a velha geração que espera da nova que lhe proponha modelos, e a nova que incrimina a velha por não lhe oferecer modelos. É esta a essência da famosa decadência da autoridade paterna. Eis um conflito de gerações para o qual não fomos preparados: os pais recusando-se a assumir autoridade por modelos nos quais não têm fé. (se forem honestos), e os filhos culpando os pais por não lhes fornecerem metas, (se forem conscientes). Sintoma da crise pela qual estamos passando.

Fim do patriarcado, (vigente desde o neolítico de uma forma ou outra)? Muito provavelmente. Início da fraternidade, (que consta inoperante da tricolora desde os fins do século 18)? Possivelmente. Mas a fraternidade encerra o perigo do Grande Irmão, pré-figurado sinistramente por Bonaparte. E há ainda uma outra possibilidade. Início do matriarcado, no qual a televisão ocupa o lugar da Grande Mãe devoradora. Os indícios parecem apontar na direção do matriarcado. A nova geração decidirá, (embora, problemáticamente), qual dessas possibilidades, (e outras) será realizada. Esperemos que nós, os "superados", estejamos ainda por aí para ver em que dará tudo isto.

## POSTO ZERO

## Começo

VILÉM FLUSSER

Quem publica artigos em jornal o faz pelos seguintes motivos: 1º. Procura informar, isto é, mudar o mundo. 2º. Procura escrever bem, isto é, calar obra. 3º. Procura resposta, isto é, romper a solidão humana. 4º. Procura fama, isto é, satisfazer o "ego". 5º. Procura ganhar dinheiro.

Os últimos dois motivos são necessariamente subalternos. A fama nunca é alcançada, porque sua busca é insaciável. O motivo económico pode ser melhor perseguido em atividades mais apropriadas. De modo que a verdadeira motivação de quem publica, (os motivos 1 a 3), pode ser chamada "engajamento".

Quem procura mudar o mundo crê em duas coisas: o mundo não é como deve ser, ele sabe como deve ser o mundo. (Duas crenças duvidosas). Portanto quer fazer com que o mundo seja como deve ser, e com que aquilo que deve ser seja. Quem faz obra quer deixar no mundo rastro de sua passagem por ele, para não ter vivido em vão e não ser esquecido depois da morte. Quem busca resposta, não vive apenas para si, mas também para os outros. Eis o clima no qual se dá a publicação de artigos.

Para que tal engajamento alcance parcialmente o meta, deve quem publica não apenas assumir a responsabilidade por suas idéias, mas ainda tratar com que as idéias digam respeito a seus leitores. Isto é: deve respeitá-las. E eles, por sua vez, devem abrir-se às idéias que lhes são propostas. Tal a situação mínima para uma publicação sucedida. Se um leitor ou outro reagir às idéias propostas, será atingida a situação ótima visada.

Pretendo, nos artigos seguintes, enfocar alguns aspectos não óbvios nas coisas que nos cercam. A meta visada é contribuir para a orientação em mundo complexo e em rápida mudança. Tal orientação, por difícil que seja, é necessária sob pena de perdermo-nos no mundo e perdermos o mundo. Agradeço à FOLHA, que concordou em ser veículo da tarefa. E desafio alguns leitores para colaborarem nela.

Quinta-feira, 17 de fevereiro de 1972

## Sexo

VILÉM FLUSSER

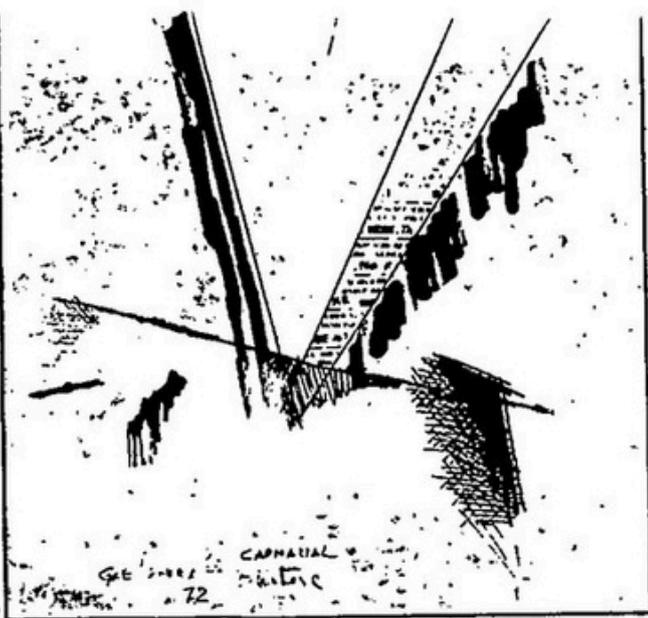
Quem vê apenas a enorme multidão das formas dos seres vivos, tende a admirar a riqueza da vida. Com efeito: que diferença entre algas e carvalhos, entre borboletas e baleias. Mas quem vê as regras que ordenam o jogo da vida, pode vir a admitir curiosa pobreza da vida. Devorar-se mutuamente, e multiplicar-se, eis as duas únicas regras. Deve haver planeta na imensidão cretina do cosmos, no qual a vida se comporta de forma um pouco mais inteligente.

Considerem o método para a multiplicação dos seres vivos. É de monotonia enfadonha, (não estivessemos nós próprios ativamente engajados no processo). Com efeito, há dois métodos apenas: divisão e sexo. Os que se dividem (por exemplo os unicelulares), escapam à morte. Vivem eternamente e de forma sempre mais ampla. Mas compraram a imortalidade pelo preço do sexo. Preço que alguns podem considerar excessivo. Os que recorrem ao sexo para multiplicar-se, morrem. O salário do pecado é a morte.

Os seres primitivos (primitivos, obviamente do ponto de vista chauvinisticamente humano), são bissexuados e podem autofertilizar-se. Alturas do narcisismo inalcançáveis para nós, meramente humano. Os outros, (carvalhos, aranhas, homens, e, de acordo com alguns escolásticos, anjos), somos fornecidos munidos de dois sexos separados um do outro. O feminino, que é responsável pela multiplicação das espécies, e o masculino, um tanto subalterno, que é o instrumento graças ao qual o feminino se multiplica. Durante as múltiplas centenas de milhões de anos, (que é a idade da vida na Terra), não lhe ocorreu idéia mais brilhante para multiplicar-se. Uma pena.

O sexo masculino é uma espécie de luxo que a vida se permite. Uma espécie de apêndice do feminino. A vida é feminina. Tal afirmativa pode servir de arma às feministas na sua luta contra nós, meros machos. Mas não necessariamente. Permite argumentar, é verdade, que o macho é mera função da fêmea, argumento este levado às últimas consequências por certos peixes, nos quais a fêmea devora o macho depois do ato. Mas permite argumentar também que o macho, sendo luxo, é o sexo mais elegante. (Argumento ainda inaproveitado pela moda masculina). Prova do seguinte: fatos não importam. Importa interpretá-los.

Embora fatos não importem, são obstinados. Nenhuma revolução cultural pode mudar por enquanto o fato dos dois sexos. Nem as botas altas das mulheres, nem o cabelo longo dos rapazes, nem o terceiro, quarto e quinto sexos que por aí passeiam. Por enquanto isto é "dado". Até que a biologia nos forneça outras alternativas.



## Série carnavalesca I

### Síntese

VILÉM FLUSSER

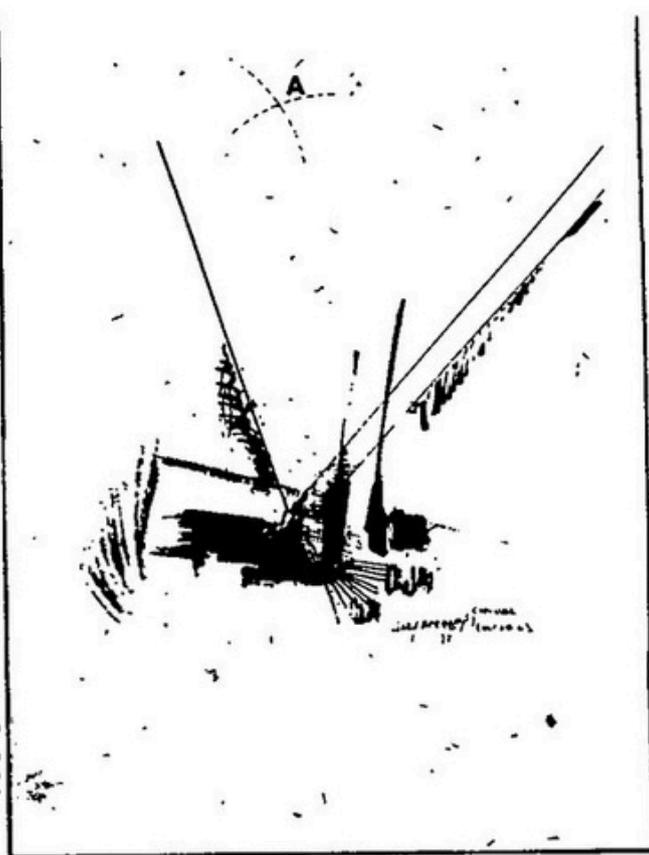
Por um período de poucos dias o curso do ano é interrompido para parcela apreciável da população brasileira. A correnteza histórica dos dias e das semanas passa a formar represa, chamada "Carnaval" e passa do tempo histórico para o tempo da eterna repetição do refrão sincopado. As máscaras, impostas pela história sobre a gente humilde, caem, e revelam a sua verdadeira face. O aparente ascensorista é revelado acrobata, a aparente vendedora de loja é revelada princesa. Rasgado o véu da história, aparece a verdade; o substrato a-histórico da sociedade brasileira. O seu "paganismo". A sua "negritude"?

Sem dúvida, o Carnaval, embora de origem "pagã", não é africano. Talvez seja fortemente adubado por elementos etruscos. O seu parentesco com os "Lupercalia" romanos o sugere. Como também o fato de ter ele triunfado, sob capa transparente cristã, no norte italiano renascentista e barroco. Em terras, portanto, etruscas. Quando resultou em Comédia de Il'Arte, naquela precursora bem estruturada e no entanto improvisável do Happening, do Living Theater, e da Obra Aberta.

Mas o Living Theater não é Carnaval brasileiro. E embora os etruscos tenham um curioso sabor de sacralidade sensual e violenta, (que Lawrence captou e que pode lembrar o Níger), os fundadores das escolas de samba não são os atruscos. Muito mais o são as fraternidades tribais da costa ocidental africana. O Carnaval brasileiro síntese entre etruscos e bantus? Mas se o for, é síntese perturbadora.

A margem esquerda parisiense descobriu a África no começo do século, e procurou assimilá-la. Picasso "elevou" a África a-histórica ao nível da consciência histórica "branca". Esta a síntese picassiana: a história ocidental abraça a África com seu abraço. Não é a síntese carnavalesca. Na lá Grande Mãe África absorve a-históricamente a história do Ocidente. O caso de Picasso é este: o projeto ocidental, ao expandir-se, se abre ao Não-ocidente. O caso do Carnaval brasileiro é este; o projeto ocidental é absorvido, e deixa de ser projeto. E não é apenas o caso do Carnaval brasileiro. Também o é o caso de toda futura cultura brasileira, a ser porventura realizada.

Que as aparências não nos enganem. O Carnaval dos clubes burgueses não é Carnaval brasileiro. É Carnaval picassiano sem a originalidade e genialidade de Picasso. Como não é cultura brasileira a que atualmente assim se mascara. Porque o Carnaval brasileiro não é um pôr máscaras, mas um tirar máscaras, e as máscaras ocidentalizantes ainda não caíram da face da nossa cultura. O Carnaval ainda não veio. (A ilustração é de Gabriel Borba Filho).



## Série carnavalesca — II

### Máscaras

VILÉM FLUSSER

Os outros me vêm como sou, ou sou como me vêm: os outros? O difícil não é saber como me vêm os outros. Posso lê-lo nos seus olhos. O difícil é descobrir quem sou eu. A socrática recomendação do auto-conhecimento, e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos, impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me vejo nos olhos dos outros. Por exemplo: os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Pois serei tudo isto "a outrance", e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente.

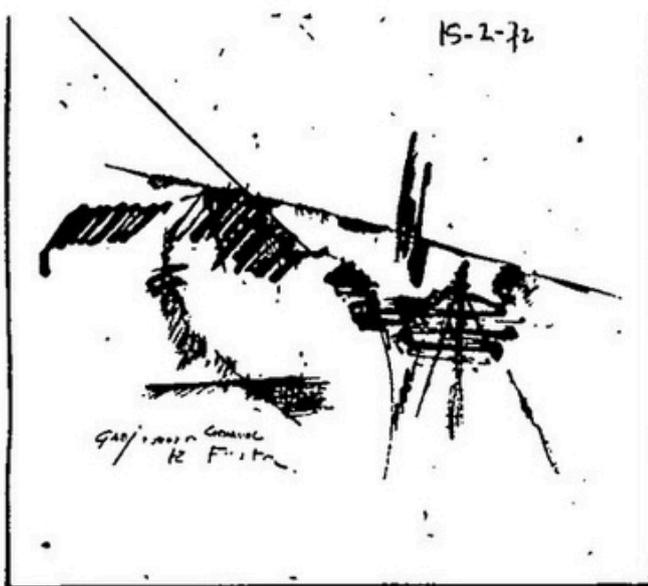
Vejam como o Japão conseguiu isto. O mundo o admira. A máscara ocidental lhe assenta tão bem, que até os olhos das ex-gelhas já parecem "caucasianos". O "nequi-tai — neck tie", (e com ele o milagre econômico), triunfa. O Japão está a caminho do seu grandioso destino. A saber: o destino que lhe foi reservado pelos outros. Ao ter assumido a máscara, o Japão desistiu da difícil tarefa de encontrar-se.

Modelo japonês? Não: máscara japonesa. Mas não se pode andar mascarado impunemente por tempo indeterminado. Não se pode representar o papel de tecnocrata sempre impunemente, quando se é no fundo samurai, (ou pai de santo). Não se pode, porque uma surda sensação que brota do proprio núcleo vai desmentindo tudo. A sensação diz: Tudo isto está errado. Nada daquilo que faço me diz respeito. Não me diz respeito, porque eu não me respeito. E é nessa surda sensação que pode dar-se a descoberta do proprio eu. No não de si mesmo.

Não sei se há no Japão equivalente do Carnaval brasileiro. É duvidoso. Porque o Carnaval rompe periodicamente a máscara. Periodicamente vastos camadas da população brasileira se descobrem. Assumem-se, não só com os "outros", (sub-proletariado), mas como são, (orgasticamente festivos). Passam a viver, periodicamente, não papéis pre-determinados por outros, mas funções pre-determinadas pelo próprio indivíduo. Isto é...

...o Carnaval brasileiro é a realização coletiva. É o próprio e seu sorriso furta os olhos e desce. A alienação, porque abandonado de uma realidade imposta, por eles. Mas para os participantes do Carnaval, alienação é o resto do ano. Embora devam admitir, por força da "circunstância", (como se diz), que retomarão as máscaras impostas na quarta-feira de cinzas. Mas, dado o domingo, provavelmente não serão japoneses nunca. Quem o será, possivelmente, somos nós, os burgueses duplamente alienados, que usamos duas máscaras, (ou quizá nenhuma?).

(A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para a "Série Carnavalesca").



## Série carnavalesca — III

### Festa

VILEM FLUSSER

Qual a utilidade dos seis dias úteis? Obviamente: o domingo, o dia inútil. Eis o que confere sacralidade à festa: a sua total inutilidade. O ato inútil, absurdo, gratuito, é o ato sacral, e sacrificar significa: dar algo em troca de nada, portanto inutilidade. Aliás, não pode ser diferente. A verdadeira utilidade de algo não pode, por sua vez, ser útil para algo. Senão, tropeçaríamos de utilidade em utilidade até a morte. A sacralidade é fútil, porque meta de todas as coisas úteis. Quem confere utilidade à festa, (por exemplo: distração, recuperação), desacraliza a festa, e transformá-a em feriado. Profanação é isto: ter feriados, não festas.

Festa: meta de toda utilidade. Carnaval, (para quem o festeja): meta do ano todo. Feriado: divertimento que reverte em benefício do vertimento. Carnaval, (para quem se diverte): pena que parte dele caia num week-end. (Uma medida da decadência do cristianismo é a transformação do domingo em week-end). Não devem ser confundidos os que festejam o Carnaval com os que se divertem. É como confundir quem vai à Missa com quem vai à praia.

A sacralidade ocidental é transcendente. A festa aponta o além, o fora do tempo e do espaço. Por exemplo: o sábado judeu. É ele a irrupção do além para dentro do mundo. Com efeito: o sábado é o Messias, ou o Messias é o sábado terrestre. (Algo semelhante pode ser afirmado quanto às festas cristãs e muçulmanas). O Carnaval é diferente. Festeja sacralidade imanente. Com efeito: festeja a sacralidade dos sentidos do corpo. Paganismo? Sim, mas o termo é impreciso. Abrange fenômenos tão díspares quanto o são o fetichismo, o hinduísmo e o neo-platonismo. O paganismo do Carnaval é a orgia.

Ai de nós, ocidentais, carecemos de categorias para captar o que não é nosso. "Orgia" é termo grego, portanto fenômeno grego, e um descendente raquítico seu é o canto orfeônico nos orfanatos do interior paulista. Tais cantores nada têm a ver com o Carnaval que desce das favelas. O termo "orgia" sugere, mas não consegue captar, a essência carnavalesca. Aliás, nenhum termo consegue. Apenas a participação imediata o consegue. E nós, pálios ocidentais, nunca conseguiremos participar da festa carnavalesca, por mais que entremos nela. Ficaremos parcialmente por fora. A saber: com aquela parte nossa, (outra chamada "alma"), que aponta o transcendente. Dizem que não há "color line" no Brasil, e talvez não haja mesmo. Há isto: os que participam do Carnaval, e os que se divertem. "Color line"? (A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca").



## Série carnavalesca - IV

### Cinzas

VILEM FLUSSER

"Dies irae, dies illa, solvet saeculum in favilla"... (Dia da ira, dia no qual o mundo cai em cinzas). Mas como? Citar um verso de inspiração medievalmente religiosa, ao querer falar do Carnaval brasileiro? Um verso pavoroso que convém à sombra da catedral de Burgos ou ao Castelo gótico de Praga, mas nada tem a ver com a Avenida Presidente Vargas? Perfeitamente. E que tendemos a interpretar erroneamente tanto a Idade Média quanto o Carnaval brasileiro.

A Idade Média ressuscitada, com sua gritaria, seus tambores, suas cores gritantes, seus jograis e seus palhaços, seria perfeito Carnaval carioca. E a delegacia da Polícia em Copacabana na quarta-feira de cinzas, transportada para o século 13, caberia bem na catedral de Burgos. O fato é este: os desolados da delegacia, os que saíram da vertigem e do sol para cálmem sóbrios e sombrios em "si", estão muito mais próximos dos penitentes medievais que nós, seus herdeiros aparentes. O verso citado continua: "Quid sum miser nunc facturus" (Que devo fazer agora, coitado de mim?). (Em latim tão duvidoso quanto o é o português das favelas). Eis uma pergunta que está na ponta da língua dos naufragos da tempestade carnavalesca na praia do cotidiano.

O verso, pois, se justifica. Mas apenas em parte. Porque, a despeito das semelhanças, há uma profunda diferença entre o penitente medieval e o folião carioca. Esta: o penitente é o pecador, o folião é malandro. Isto é: darão, ambos, resposta à pergunta, mas darão resposta diferente. O penitente responderá: "mortificarei minha carne", e o folião: "darei um jeito". Isto porque o modelo de comportamento do penitente é o Prêto, e do folião Exu, (superficialmente cristianizado). Quem visa compreender o Brasil, enganar-se nele, e quicá afundar a traçar rumos para o futuro, deve captar bem tal diferença. Toda desenvolvimento é consequência da imitação do Cristo (historicista), e estranho a Exu, (por cristianizado que esteja).

É certo: o homem pode e deve ser mudado. Enganar-se, no fundo, é isto: procurar mudar o homem. O malandro pode ser transformado em pecador, e o folião em penitente. Mas é bom saber em que dará a mudança. E podemos sabê-lo perfeitamente, já que temos exemplos palpáveis. A modificação de malandro em pecador dá em superestradas com restaurantes automáticos, em clubes de "camping", na semana de trinta horas, e em revistas pornográficas feéricamente ilustradas. E a modificação acaba com o Carnaval, (inclusive, é verdade, com a quarta-feira de cinzas). A escolha é pois esta: quais as cinzas que queremos? (A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca")

Mulheres 0

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 1972

## Posto Zero

# Mulheres

VILÉM FLUSSER

Só se pode falar nas mulheres do ponto de vista masculino. Inclusive quando se é mulher, bem entendido. Porque a nossa cultura não admite outro ponto de vista. É cultura masculina, e resultado de realização milenar de um projeto masculino. O ponto de vista feminino, se é que jamais conseguiu articular-se conscientemente, foi, há muito, inteiramente sufocado pela cultura. De maneira que quando as mulheres se querem libertar, visam necessariamente os direitos dos homens.

Como se deu isto? Este terrível empobrecimento pelo qual perdemos o ponto de vista feminino? Pergunta de difícil resposta, já que a perda deve ter acontecido no paleolítico, época imemorable. A única forma como podemos imaginar uma resposta é esta: Num momento remoto da história da humanidade, os homens violentaram as mulheres tão radicalmente, que estas perderam a noção da sua identidade. E em consequência os homens perderam a possibilidade de ver-se, a si próprios, de fora. O fato, embora triste, é por enquanto imutável. Nenhuma quantidade de sutis jogados fora por feministas pode mudá-lo.

Podemos, é claro, interpretar o fato, na tentativa de compreendê-lo. Assim, por exemplo: No paleolítico os homens eram caçadores de mamutes e renas, e as mulheres colecionadoras de ovos e raízes. A divisão do trabalho era consequência da diversidade anatômica de ambos. Os homens tinham portanto vida masculina, com ciência masculina, (conhecimentos objetivos de renas), e ideologia masculina, (adoração do Sol e das Estrelas que guiavam seus passos durante a caça na estepe). E as mulheres vida feminina, com ciência feminina, (conhecimentos objetivos das raízes), e ideologia feminina, (adoração da Terra que fornece raízes).

Mais tarde, em revolução enorme mas esquecida, os homens passaram a ser pastores. Pastor: colecionador de animais outrora caçados. As renas viraram cabras. Mas mais importante ainda: O homem, embora de certa forma ainda caçador, virou também colecionador, como o foi a mulher outrora. Assimilou a ciência feminina. E tendo assimilado tal ciência, subjugou as mulheres. E, simultaneamente, impôs sobre as mulheres sua própria ideologia. A adoração da Terra passou a ser menosprezada, (inferiorizada e infernalizada), e a adoração do Céu oficializou-se. Eis como talvez surgiu o patriarcado. Inexorável.

A mulher vive doravante na ciência e na ideologia masculinas. Não pode ser mulher "para si", não saberia como. Apenas pode ser doravante mulher para o homem. Mas o homem pode efeminar-se. Virar consumidor passivo. (visão masculina da feminilidade). Fim do macho.

## Posto Zero

## Ensino

VILÉM FLUSSER

Uma das diferenças entre animais e o homem é esta: os animais transmitem de geração para geração apenas informações genéticas, os homens também informação adquirida. Um dos métodos de tal transmissão é chamado "ensino". A geração transmissora, (o professor), comunica à geração receptora, (ao aluno), os modelos de comportamento e de conhecimento, (os "valores" e as "teorias"), acumulados ao longo da história da humanidade, e enriquecidos por todas as gerações participantes. Pois o ensino, como tanta outra estrutura atual, está em crise.

Um aspecto importante da crise se mostra, se enfocarmos o ensino do ponto de vista dos professores. São transmissores de modelos, mas não necessariamente meros transmissores. Podem, é claro, transmitir como meros canais inertes. Podem comunicar modelos de comportamento do tipo "ame teu pai e tua mãe", ou modelos de conhecimento do tipo "a baleia é mamífero", e "dois mais dois são quatro", sem ativamente se engajarem em tais modelos. Mas em tal caso poderão ser prontamente substituídos por máquinas de ensino programado. São superados. O progresso impiedoso varrerá tais professores da cena.

Mas os professores podem também enganjar-se nos modelos que transmitem. Serão no caso autenticamente humanos. Mas aí surge o problema do esvaziamento atual dos modelos por dúvidas crescentes. Por exemplo: "ame teu pai e tua mãe, mas não edipicamente". Ou: "a baleia é mamífero nos critérios determinados pela atual zoologia". Ou, "dois mais dois são quatro no sistema decimal, desde que zero seja número, e todo sucessor de número seja número". Em tais casos surgirá no professor um terrível conflito. Com que direito transmitir modelos, os quais são aceitos pelo próprio professor com graves reservas? Não seria melhor transmitir as dúvidas em vez dos modelos?

O ensino, embora não o único para transmitir modelos adquiridos, é método muito importante. É difícil ver como, sem ele, poderá ser mantida aquela cadeia de gerações chamada "história da humanidade". É claro, há o método de aprendizado que transmite modelos de funcionamento. A sociedade tecnológica com sua crescente automação poderia sobreviver à morte do ensino. Mas valerá isto a pena?

A crise do ensino está sendo enfrentada. O ensino programado é uma resposta possível. Mas não resolve o problema dos modelos em vias de esvaziamento. A solução de tal problema exige que mudem por completo as atitudes da humanidade com relação a modelos. A crise do ensino é subcrise dos valores. Se a crise dos valores não for resolvida, o ensino passará a ser tarefa de televisões e aparelhos.

## Posto Zero

## Um poema

VILÉM FLUSSER

Os desastres que ultimamente explodiram no nosso meio, desastres aparentemente de engenharia, mas na realidade de uma sociedade na qual a tecnologia passa a assumir o papel ameaçador antigamente preenchido pela natureza selvagem, apontam problemas profundos. Problemas que dizem respeito não apenas à própria sociedade, mas muito mais a camadas escondidas na consciência dos que participam de tal sociedade. Tais camadas são pesquisadas muito mais poderosamente pela visão poética que pela visão prosaicamente objetiva. Cedo pois a palavra a Dora Ferreira da Silva.

## CULPA.

Pula o mal do esconderijo alto, o anômalo mal,  
Ninguém o espera, os anéis enroscados  
desabando a ponte, esmagando o esmagado,  
nivelando o humilde à terra acidentada,  
arrastando calculos errados, planos, o prodígio sonhado

pelo arquiteto no papel. A vida tem pontas  
a inocente vida. O mal assoma, não se sabe de onde,  
e se multiplica, a sorradeira besta.  
Contorna a reta via, brilha no nosso ódio e nos soterra.

É o contendor e o colaborador, o criminoso e a vítima,  
os planos tortos e o direito insolvente,  
porque os mortos estão mortos e não puderam almoçar  
o almoço assimétrico em relação à fome que os nutria.

Porque os mortos estão mortos e a inocência dos braços  
se abriu em asas; caíram prosternados  
orantes vergados sob a estrutura dura:  
não nave salvadora de tripulantes voltando para casa,  
belos no olhar, no sol do coração.

Faltos, culpados, calculamos o amargor da dúvida, da di-  
vida

que nunca saldaremos. Porque os mortos morreram  
e são os que sorriem se, com lágrimas  
ousamos interrogá-los.

Terça-feira, 22 de fevereiro de 1972

Posto Zero

## Ensino Superior

VILÉM FLUSSER

Na Idade Média ocidental havia duas camadas de cultura: a popular (com suas lendas, canções e costumes), e a erudita superior (nas Universidades). A superior latina sorvia sua seiva da inferior vulgar, e era, para a inferior, autoridade. Na Idade Moderna uma terceira camada (a nacional), muito duvidosa, se introduzia qual cunha entre as duas primeiras. Atualmente a situação é inteiramente diferente. A revolução dos meios de comunicação está esvaziando tanto a cultura popular quanto a nacional, e está criando a cultura de massa. Qual é doravante o papel da cultura superior (e o das Universidades)?

É característico que é preciso remontar até a Idade Média para poder falar-se em Universidade. As Universidades são remanescentes medievais no contexto atual, por mais que tenham sido atualizadas (reestruturadas). São medievais não apenas em seus títulos e seu formalismo, mas muito mais significativamente pela sua função na sociedade: pretendem ser autoridades. Isto é: autores de modelos. Mas não podem sê-lo. Pelo simples fato que para a cultura de massa não há autoridade. Todo participante de tal cultura se assume autoridade em tudo (futebol, política, aventuras amorosas dos astros de cinema). E o enumerado entre os parentes é praticamente tudo para a cultura de massa.

É claro para a cultura superior o enumerado não é tudo. Há ciência, há as artes, as disciplinas "humanísticas", tantas outras coisas. E nisto as Universidades pretendem ser autoridades. Mas tudo isto não interessa do ponto de vista da cultura de massa. "Ciência" interessa apenas como programa de televisão, e como disciplina é praticamente dispensável. A cultura de massa se propaga automaticamente, dispensa novas descobertas. Arte é desenho animado e similares. O resto é para uma elite alienada. E assim com todo o resto.

A Universidade está perdendo sua função na sociedade. E não apenas no sentido mencionado. O título universitário não confere mais nem vantagem econômica nem "status". Nos países desenvolvidos a próxima geração será constituída de doutores trabalhando como contadores ou massagistas. Já agora um torneiro vale mais que um professor de mecânica (para não falar em filósofos ou linguistas). Tal tendência parece indicar que as Universidades estão fadadas a esteril acadêmico.

Tudo isto pode ser considerado exagero. As Universidades são ainda lugares de pesquisa, e seus laboratórios ainda absorvem bilhões de dólares nos países desenvolvidos. E são ainda os lugares nos quais a juventude contesta o estabelecimento. No entanto, o importante é a palavra "ainda". A questão é: "por quanto tempo?"

## Posto Zero

### Série rigorosamente familiar- I

# Netos

VILÉM FLUSSER

Há famosa sentença que afirma: de todos os animais ferozes o mais feroz é o neto. A ilustração do significado de tal sentença é outra, igualmente famosa: plantamos árvores para os nossos netos colherem os frutos. No fundo, a ferocidade do neto é o problema fundamental da futurologia. Querer prever um futuro presenciado apenas pelos nossos netos. Dirigir os esforços da nossa vida em direção dos netos, os quais, por sua vez, viverão em função dos seus respectivos netos, e assim em cadeia ininterrupta até o fim dos dias. Viver sempre visando futuro não presenciável. Este o clima vital do progressismo.

E verdade: o neto nos devora. Mas duas coisas são igualmente fatos: estaremos presentes no futuro graças aos netos, e nós próprios somos netos. O primeiro fato, quando considerado, causa curiosa vertigem. o nosso próprio futuro é imprevisível. Não podemos saber aonde estaremos na tarde da segunda quinta-feira de 1974. Nem se haverá guerra mundial na década dos 80. Tudo isto é imprevisível, porque depende de inúmeros fatores imponderáveis. O futuro dos nossos netos é muito mais previsível. Sabemos aproximadamente qual será a população mundial e a renda nacional de Ghana em 2020. É mais previsível, porque os fatores imponderáveis passam a ser desprezíveis a longo prazo. Por exemplo: em 1910 ninguém podia prever na Rússia as duas Guerras, a Revolução, a automação e a morte do stalinismo. Mas tais fatores então imponderáveis são atualmente desprezíveis. Se prolongarmos a curva da produção russa de 1900 até 1910, para alcançar 1970, chegaremos aproximadamente ao ponto alcançado pela realidade.

A vertigem se intensifica ao verificarmos que, a partir de certo ponto, embora a previsibilidade se torne sempre mais exata, se torna isenta de todo interesse, e passa a ser óbvia perda de tempo. Por exemplo quer calcular a população mundial em 3478. O fato parece ser este: quanto menos previsível o futuro, tanto mais interessante. Previsibilidade e interesse são inversamente proporcionados.

O segundo fato, (o de sermos, nós também, netos), ameaça mergulhar o problema do neto em clima de desespero. Goethe exclama: "ai de ti, que és neto!". Porque aí verificamos que não devoramos os nossos avós, já que somos incapazes de digerir-los. Somos condenados a carregar seus cadáveres constantemente nas costas. Eles se recusam a morrer nas coisas que nos cercam, no nosso inconsciente, e quiçá no nosso sangue. Prova que o movimento antropofágico dos anos 20 é utopia: carne humana, especialmente se for dos avós. A indústria

## Posto Zero

### Série rigorosamente familiar-II

# Tios

VILÉM FLUSSER

Heine aconselha os franceses a não odiarem os alemães pela razão seguinte: "Quem sabe, um alemão pode ser seu pai do lado materno?" Todas as genealogias, (e todos os racismos), partem da premissa um tanto duvidosa que todas as esposas são sempre fieis, (e também que são involuveis). Mais realistas são os romanos que dizem: a mãe é certa, o pai sempre incerto. Certo, também, é portanto o tio materno.

O matriarcado não é, como seu nome sugere, o reinado famílias" romanos e os fundadores das indústrias vitorianas. O pai não era apenas incerto, mas nem sequer interessava. Nove meses medem entre o ato e o nascimento. Quem é que vai se lembrar, pelo amor de Deus, com quem se divertiu nove meses antes de dar a luz a um filho? Tal refinamento da memória não combina com pedra lascada. Será que combina com televisão e histórias em quadrinhos? Pergunta importante.

Tios maternos são certos. Pais, embora bem menos certos, dominam a família durante grande parte daquilo que costumamos chamar "a história da humanidade". As vezes dominam com firmeza e autoridade, como os "patres familiares" romanos e os fundadores das indústrias vitorianas. A firmeza do seu domínio se deve à incerteza da sua legitimidade? O poder patriarcal oscila atualmente. Será substituído pelo poder do tio materno? E como seria tal poder futuro?

Podemos vagamente imaginar o tio do futuro. Melhor chamá-lo, com maiúsculo, "Titio". (Não foi este o título do Czar de todas as Rússias outrora? Portanto do Grande Irmão da Grande Mãe Rússia que abrigava os mujiques humildes em seu colo, seus queridos filhinhos?) Kafka o imaginava, ao escrever o Processo. Titio será bondoso, justo e, se necessário for, severo. Providenciará tudo, medicina, empregos, casa, comida, divertimento e sepultura. Um tanto distraído, por certo. A enorme massa dos sobrinhos, (reparem no diminutivo carinhoso do termo), deverá às vezes fazer-se notar para não ser esquecida. Porque, afinal das contas, Titio também é humano, (ou quase humano). Mas, em geral, o matriarcado funcionará às mil maravilhas, e melhorará com tempo. Quando a memória do Papai se tiver apagada de tudo.

Titio Sam já existe, embora ainda com severas limitações que impedem seu perfeito funcionamento. Muito mais eficiente é Titio Ivã, legítimo sucessor dos Czares. Mas a grande figura do Titio está se erguendo às margens do Pacífico: Titio Mao e o Livrinho vermelho que contém os bons conselhos a serem seguidos à risca pelos sobrinhos. Não é para sentirmos saudades de Papai, por edipicos que sejamos?

## Posto Zero

### Série rigorosamente familiar-III

# Primos-irmãos

VILÉM FLUSSER

Somos todos irmãos e filhos do mesmo Pai que está no Céu. (Assim pelo menos o afirmam muitas religiões e Schiller naquela Ode que passou a Hino do Mercado. Comum Europeu.). Que significa isto? Que todos temos a mesma origem biológica no passado longínquo? Que sou "irmão" não apenas do samoiote que caça renas na Sibéria e do bérbere que caça pulgas no Saara, mas também da vaca, cuja carne como e do mosquito que me pica enquanto escrevo isto? Não, decididamente, assim não serve para sustentar o nobre sentimento expresso na sentença acima.

Não escolhi a família em cujo seio nasci, não fui sequer consultado. Nenhuma quantidade de ufanismo pode mudar este fato. É claro: posso dizer que me orgulho de ser primo de Fulano e de Sicrano, mas se não me orgulhar,erei seu primo da mesma forma. Mas meus amores e minhas amizades, estas sim eu escolho, (como escolho também as minhas antipatias e minhas inimizades). De maneira que tais relações deliberadas caracterizam muito mais minha personalidade que os meus primos, (por irmãos que sejam). A nobre sentença que inicia o presente artigo deve referir-se a tais relações deliberadas, sob pena de ter sentido contrário ao pretendido pelos seus autores.

Não exageremos. Embora não tenha eu escolhido meus primos-irmãos, não posso negar o fato óbvio que me pareço com eles. Há algo que me une com meus primos-irmãos, não apenas o forte elo de sangue, mas também o/ão, ainda mais forte de tradição e cultura. De maneira que até quando escolho meus amigos, (com exclusão dos meus primos-irmãos), faço-o de uma forma típica para meus primos-irmãos recusados por mim enquanto amigos. Que é isto que me une tão fortemente a eles?

Minha condição humana. Somos, meus primos-irmãos, e eu, resultado de fatores biológicos, culturais e sociais semelhantes. Dal a semelhança que nos une. Mas que implica isto? Acaso implica que devo unir-me ainda mais a eles deliberadamente? "Suum cuique?" De forma nenhuma. Viver humanamente é procurar alterar-se. Assumindo embora a condição na qual me encontro, procurar modificar tal condição e procurar modificar-se a si próprio em tal tarefa. Esta é a dignidade humana: ser condicionado, mas saber disso e não aceitá-lo.

Na medida na qual consigo superar a condição que me determina, rompo a relação que me liga a meus primos-irmãos e estabeleço outras. Deixo sempre mais de me parecer com meus primos-irmãos, e passo a ser sempre eu mesmo. As relações que então estabeleço na minha liberdade são o sentido da nobre sentença que citei no começo.

## Posto Zero

## Série altamente emotiva-I

## Ironia

VILÉM FLUSSER

É bom não confundir-la com comicidade. Comico é quando descubro fraquezas no forte. Por exemplo: quando Napoleão cai do cavalo. Ironico é quando descubro que o forte é fraco. Por exemplo: que Napoleão perdeu em Waterloo no instante mesmo no qual pensou ter ganho a batalha. Por isto o comico é banal: descobre o que todos já sabem. Mas o ironico pode não ser banal: pode descobrir o ignorado. E dizer que a humanidade é comica, é dizer besteira. (Porque todo mundo sabe disto.) Mas falar em ironia do destino, embora seja chavão, não é necessariamente besteira. (Porque a descoberta é sempre penosa).

Ironia é metodo retorico, é uma maneira de falar sobre coisas. (Em grego significa: "falar disfarçado".) Existe a ironia "barata". É quando disfarço sem necessidade, ou para enganar os que me ouvem. A ironia "barata" é metodo caro à demagogia. Mas existe também ironia tão cara que pode custar os olhos da cara. Não é facil a distinção entre os dois tipos. Exige ouvido atento.

O chamado "segundo romantismo" recorre muito à ironia. Trata-se daquela geração de burgueses europeus contemporanea da Restauração do reino frances e da Santa Aliança em Viena. A ironia romantica mostra bem como o metodo funciona: faça de dois gumes. Faça, embora sacada por romanticos e brandida romanticamente, que corta o romantismo em pedaços. Morte do romantismo. A ironia talvez seja sempre isto: arma empregada naquela batalha chamada "agonia".

Prova ainda melhor fornece a auto-ironia. O fraco, para defender-se do forte, corta-se, a si proprio; ironicamente em pedaços. Talvez para mostrar ao forte o quanto é fraco ao oprimir o fraco. Exemplo: ironia judia no tempo do nazismo "Barco a remo judeu afunda cruzador alemão", e "pastor alemão mordido por agiota judeu". São tais as situações que geram ironia como arma da agonía. Ironia não apenas arma dos fracos; mas ainda arma dos que vão morrer, (nas câmaras de gás ou no circo). A famosa palma esticada dos gladiadores ao saudarem o Imperador: "os morredouros Tesaudam!". Suprema ironia.

É, no entanto, arma que pode ser libertadora. Já que pode mostrar não apenas o quanto o forte é fraco, mas também o quanto é forte o fraco. Outro aspecto da ambivalencia da ironia. Um poeta tcheco diz isto: "Povo nenhum ainda morreu, enquanto poetas lhe cantam." (Suponho que tal poeta não está sendo atualmente editado em muitos exemplares em Praga). Parafraseando: "Povo nenhum ainda morreu, enquanto tem piadas". O espirito sopra aonde quer, e também na ironia.

## Posto Zero

## Série altamente emotiva-II

## Paixão

VILÉM FLUSSER

É curiosa a gama de significações que este termo sugere. Inclui, por exemplo, aquelas cenas sexuais prometidas pelos títulos de certos filmes, e também a morte do Cristo. A gama de significados se explica, se considerarmos parentes próximos do termo "paixão": "paciência" e "passividade". "Paixão" é pois situação na qual sou tomado de forças que passam a reger meus movimentos. Submeto-me a tais forças, ou porque são muito mais fortes que a minha vontade, ou porque adiro a elas. "Paixão" é pois perda, (deliberada ou não) da minha liberdade. E já que liberdade tem a ver com razão, "paixão" é perda da razão, (razão sacrificada ou perturbada). É bom que disto saibam os que dizem estar defendendo causas apaixonadamente. Ou já sabem?

O contrário de "paixão" é "ação", (ou pelo menos assim o ensinam as gramáticas: "voz passiva" e "voz ativa"). Embora saibamos que existe ação passional e paixão ativa. Será que as nossas linguas não têm "vozes" para gritarem, este fato aos quatro ventos? Ou será que as gramáticas ginasiais e colegiais são tão pouco passionais e apaixonantes que fizeram calar tais "vozes"? Urge reformar o ensino.

As gramáticas ginasiais e colegiais são pálidos bisnetos da gramática latina ensinada pelos monges medievais nas Universidades. A saber: são uma das três vias da trivialidade, (Aritmética, e fêtorica são as duas vias restantes.) Mas é facil torná-las menos triviais, recorrendo à lingua latina da qual nasceram. Assim, por exemplo: "História" em latim não tem nome, mas tem equivalente. "Res gestae", o que significa "coisas feitas". História é, para o pensamento latino, relato de ações, de atividades, de atos. Paixões, paciências e passividades não fazem parte, para o pensamento latino, nem da história, e nem, portanto, daquilo que é memorável. Paixão é sofrimento, e melhor portanto que seja esquecido o mais depressa possível. Recalcado.

Sociedades históricas agem, e são responsáveis por seus atos. Sociedades não históricas são apaixonadas, e atribuem a responsabilidade dos seus sofrimentos e outros. É que sociedades históricas falam pela voz ativa, e são os sujeitos das sentenças. E sociedades históricas falam pela voz passiva e são objetos das sentenças. (Fazem parte da história apenas enquanto objetos de outros.) Mas é sabido que a gramática ensina como mudar a voz passiva em voz ativa.

Por certo, a sentença "pastores guiam ovelhas" é voz ativa, e pode ser mudada de duas maneiras: "ovelhas são guiadas por pastores" e "ovelhas guiam pastores". É a segunda mudança que conta. E esta nada tem a ver com a paixão e passividade. Gramática não é trivial necessariamente.

Quarta-feira, 1º de março de 1972

## Posto Zero

## Série altamente emotiva - III

## Indiferença

VILÉM FLUSSER

Temos, enquanto ocidentais, dois e apenas dois modelos para a morte. A morte do Cristo na Cruz, e a morte de Sócrates dialogando. Prova radical que somos, enquanto ocidentais, simlense malograda entre judeus e gregos. Malograda, porque, ao imaginarmos a horra da nossa morte, não sabemos como queremos morrer; apaixonadamente ou impassíveis. (Embora, muito provavelmente, na hora da morte isto não conte.)

A imitação de Cristo e a imitação de Sócrates: eis no fundo a nossa escolha. Ser santo ou engajado, ou então ser filósofo ou contemplativo. Do ponto de vista cristão a escolha socrática é escolha da alienação e do pecado. Do ponto de vista socrático a escolha cristã é escolha da ilusão e do engano. Não há maior pecado do ponto de vista cristão que a "risteza do coração", isto é: desamor, indiferença. E não há maior engano do ponto de vista socrático que o de ter "opiniões", isto é: afastar-se da sabedoria. Escolhas não sinitivas.

Temos exemplos radiantes da indiferença socrática: tanto da indiferença aos movimentos em meu redor, (ataraxia), quanto da indiferença aos sofrimentos no meu íntimo, (apatia). Por exemplo: o herói, que morre indiferente às dores. O Imperador romano que morre em pé, congelado em cubo de gelo. O bruxo medieval que morre calmo e sorridente na fogueira. O gentleman inglês que morre fumando cachimbo. O aristocrata francês que se dirige à Guilhotina escolhendo o perfume apropriado. Goethe que morre acreditando. E o hippie atual que morre em rexedição do gentleman, "à bout de souffle" acendendo cigarro. O comum a todos os exemplos é isto: morrer, (e viver), com dignidade, isto é: esteticamente. Ter vida e morte bela. Limpa, não suja de sangue.

A indiferença elaborou, ao longo da história do Ocidente, duas grandes ideologias. A estoica na Antiguidade, a classista na Idade moderna. Dois grandes imperios, (o romano e o britânico), elevaram a indiferença em ideal ético, e predominante. O ideal do gentleman inglês, taquele que carrega o fardo do "homem branco", pode ser resumido nesta famosa sentença: ver consciencia e camisa limpa. Nada pode perturba-lo e portanto nada pode sujá-lo. É "impeccável".

O grande confronto entre as duas maneiras de vida ocidental, entre amor e indiferença, se dá no confronto entre Cristo e Pilato. Um, cujo rosto está suado da seiva de seus membros, de suor e de sangue. O outro, que lava as mãos em bacula elegantemente servida por escravos. Tal encontro pré-figura a história toda do Ocidente. Na atualidade, por exemplo: confronto entre engajado e tecnocrata.

Sexta-feira, 3 de março de 1972

## Posto Zero

# Boas maneiras

VILÉM FLUSSER

Há varias maneiras de se fazer uma tarefa. Algumas são boas. A ciencia que procura descobrir quais as boas maneiras é chamada "metodologia". A questão é esta: será a metodologia uma boa maneira para descobrir quais as boas maneiras? A resposta dependerá da nossa atitude. Por exemplo: podemos dizer que não importa que maneira é boa desde que se cumpra a tarefa. ("Os fins justificam os meios"). Ou podemos dizer que toda tarefa exige uma determinada maneira, e não admite outra. ("O problema contém a solução, ou não é problema"). Ou podemos dizer que a maneira como fazemos algo é o que conta, e não importa o que fazemos. ("O estilo é o homem"). Ou podemos dizer que a maneira pode ser julgada apenas depois de cumprida a tarefa. ("São pelos seus frutos que serão conhecidos"). E há outras atitudes.

Uma coisa, no entanto, é certa: Embora possam existir multiplas atitudes quanto às boas maneiras, na pratica todos parecem estar de acordo atualmente: a maneira científica é a unica boa maneira de fazer-se algo. Curiosissimo acordo este. Curiosissimo por varias razões, e duas entre elas são estas: A ciencia não quer saber o que é bom, já que para ela todas as coisas são neutras, nem más nem boas. Quem diz, portanto, que a ciencia é uma boa maneira está falando anti-cientificamente. E a ciencia é a primeira a admitir que a sua maneira de fazer é falha, tanto na pratica quanto na teoria. Na pratica, porque tenta e erra. E na teoria, porque não consegue justificar-se. Quem diz, portanto, que a ciencia é uma boa maneira nada sabe a respeito da maneira como a ciencia faz coisas. Mas o acordo persiste.

Por que? Porque obviamente a maneira científica funciona: aviões voam, altofalantes falam alto, e bombas de hidrogenio matam eficientemente. Mas o que quer dizer: "funciona"? Quer dizer isto: É uma boa maneira para cumprir tarefas das quais não sabe se são más ou boas, e das quais não quer saber nada disto. Pede portanto que seja inventada uma maneira não científica para dizer quais as más tarefas, e quais as boas. Tal maneira ainda não foi inventada, e seria ela a verdadeira "boa maneira". A sua falta é a chamada "crise de valores". Enquanto não for inventada, nenhuma maneira pode ser boa.

A maneira científica de fazer as coisas prevalece atualmente, e criou dois problemas: estamos esquecendo outras maneiras, ("despolitização"), e fazemos para fazer, sem pensar nas tarefas, (sempre mais automoveis). Acreditamos que os problemas da ciencia podem ser resolvidos apenas com mais ciencia, cientificamente. Pessima maneira.

## Posto Zero

# Progredir na vida

VILÉM FLUSSER

Um otimismo desenfreado caracteriza a Idade moderna. Para ela a vida, por exemplo, progride, e tudo nela progride. ('Progride' significa "tornar-se mais perfeita"). E, com efeito: que progresso a ameba fez na sua carreira rumo à formiga e ao homem. E que progresso fez a própria humanidade desde o paleolítico, (no qual comia fígado fresco de mamute), até hoje, (quando come cachorros quentes). Tal otimismo ululante não era sempre o caso. A Idade Média, por exemplo, só falava em morte. A vida para ela não passava de cursinho preparatório para as provas vestibulares chamadas "morte". "Progredir na vida" significava então "avançar rumo ao eterno descanso". O que não é afinal das contas, uma maneira inteiramente enganada de ver as coisas.

O ideal seria poder ver o mundo simultaneamente dos dois pontos de vista. Ver, por exemplo, na semente não apenas a futura árvore, com suas folhas, flores e frutos, mas também o húmus que a árvore formará, depois de derrubada. (Os a lenha na lareira.) E ver a vida na sua totalidade não apenas como processo que há vários milhares de milhões de anos adquire formas sempre mais complicadas, mas também como processo que necessariamente terá involução e desaparecerá, (como desapareceu em Marte). E simultaneamente ver na semente as sementes do futuro, e na vida como um tudo um processo que se repetiu e repetirá em inúmeros planetas. Seria ideal, mas difícil.

É difícil, porque quem admite o eterno retorno está admitindo o absurdo de tudo. Para o otimista tudo tem sentido: tornar-se perfeito. Para o medieval, tudo tem sentido: passar para o outro lado. Mas para quem admite as duas maneiras de ver o mundo nada tem sentido: é como a pedra que Sísifo carrega para o alto da serra, a fim de vê-la rolar sempre de novo em direção da baixada. Admitir o absurdo é difícil.

E, no entanto, não é impossível. O segredo reside nisto: saber do absurdo e progredir não obstante. Camus, no seu livro "O Mito de Sísifo" sugere que Sísifo gosta de carregar pedra. E por quê não seria isto verdade? Não carregamos acaso nós também pedras com muito gosto, das quais sabemos, em momentos de honestidade, pelo menos duas coisas: que provavelmente nunca alcançaremos, o alto da serra, e que, admitindo embora que o alcançaremos, a nossa pedra não terá grande futuro lá no alto da serra? E sabemos ainda que o alto da serra não é necessariamente um lugar muito mais agradável que a baixada. E não obstante gostamos de carregar a pedra. Carregar pedras sempre assim, isto sim seria progredir na vida. Tentemos. Não custa.

## Moral sadia

VILÉM FLUSSER

O termo "moral", que significa originalmente costume seguido pela maioria de uma dada sociedade, tem atualmente conotação embelezadora. "Imoral" não é um sujeito que se recusa a seguir determinados costumes, (por exemplo: usar gravata), mas um sujeito que comete atos feios. E muitas vezes tais atos têm a ver com o sexo. (Isto porque os costumes relativos ao sexo são os mais embelezados.) O termo "saúde", que significa originalmente "salvação", passa a significar atualmente algo como "normalidade". "Moral sadia" é pois atualmente o modelo para um comportamento, (principalmente sexual), que espelhe da maneira mais perfeita possível o comportamento normal da sociedade. E que o comportamento médio da sociedade é considerado ideal e norma.

A premissa atual do comportamento sexual "normal", (isto é: normalizado), é esta: existem dois sexos, nitidamente separados um do outro, cada qual com seu papel na sociedade, e que tendem para se unirem e formarem pares permanentes. A premissa não se baseia em fatos observáveis. A observação diz isto: Embora existam dois sexos, não são nitidamente separados. Em toda fêmea existem elementos masculinos, em todo macho elementos femininos. Os papéis sociais dos dois sexos são fluidos e mal definidos. E os dois sexos tendem não apenas a formarem pares permanentes, mas também pares transitórios, e grupos polígamos mais ou menos passageiros. Estes os fatos observáveis.

A "moral sadia" escolhe entre os fatos os que devem ser, (os "sadios e "sagrados"), e reprime os que não devem ser, (os "imorais" e "feios"): Com tal escolha a moral normaliza os fatos e empobrece o repertório do comportamento. E esta a função da moral: servir de triagem. Mas, sendo obra humana, não funciona perfeitamente. Não consegue eliminar os fatos reprimidos. Consegue apenas deturpa-los.

Há atualmente, como se sabe, crise da moral sadia. Isto pode significar duas coisas. Pode significar que a peneira moral atual está sendo substituída por outra, (possivelmente de buracos maiores). E pode significar que não haverá mais peneira. Em outros termos: ou transvaloração dos valores, ou desvalorização dos valores. Somente o futuro mostrará quais das duas alternativas será o caso.

Uma coisa é certa: o empobrecimento do nosso repertório pela moral sadia é uma pena. Homem nenhum pode realizar-se plenamente nos papéis impostos pela moral, e, com ênfase ainda maior, mulher nenhuma. Dá o movimento da libertação feminina. Possivelmente o termo "sadio" deveria ser redefinido para significar "salvação" novamente?

Sexta-feira, 10 de março de 1972

Posto Zero

## Economia e negócios

VILÉM FLUSSER

"Economia" em grego significa "regras para chacareiros", e "negócio" em latim significa "ócio perdido". Ambos os significados estão atualmente esquecidos, o que é uma pena. Eis como os antigos concebiam a economia: um fazer e desfazer sem fim em círculo eterno. Por exemplo: semear para colher, colher para comer, comer para digerir, e digerir para adubar o semeado. Para os antigos a vida econômica era a vida dos escravos. Atualmente o seu melhor exemplo é a vida da dona de casa: arrumar e desarrumar, cozinhar e lavar pratos.

Eis como os antigos concebiam o mundo dos negócios: um fazer para trocar o feito por algo feito por outrem. Por exemplo: fazer um par de sapatos, levá-los à feira, expô-los, oferecê-los, e trocá-los por um corte de tecido, (ou por dinheiro). Para os antigos a vida dos negócios era a vida dos artesões e artistas. Atualmente seu melhor exemplo é a vida do feirante, nas feiras livres. Vida na liberdade.

Não pode haver feirante sem dona de casa. Não apenas porque a dona de casa compra na feira, mas principalmente porque o feirante não pode sair de casa para a feira, sem que alguém cozinhe e arrume a casa para ele. A economia é a base dos negócios, e a escravidão é a base da liberdade. Abolir a economia seria acabar com os negócios, e abolir a escravidão seria acabar com a liberdade. Ou: aonde ninguém quer viver economicamente, todos vivem economicamente, e aonde ninguém quer ser escravo, todos são escravos. A economia se justifica apenas se possibilita fazer negócios, e a escravidão se justifica apenas, se possibilita a liberdade. Eis como os antigos encaravam a coisa.

Mas não é tudo. O escravo se justifica apenas porque torna possível o negociante, mas o próprio negociante se justifica apenas, porque torna possível para alguns não fazerem absolutamente nada. Torna possível que alguns, tendo acumulado lucros, passem a olhar para o ar em ócio absoluto. Tal olhar, os antigos chamam "Teoria". O ócio da teoria é possível para alguns, porque outros perderam o ócio negociando, e estes podem negociar, porque outros labutam na economia. Labutar para que outros possam negociar, e negociar para que possam ter ócio ainda outros: eis a organização social ideal para os antigos.

Nós invertemos a ordem: para nós ter ócio ("teoria"), se justifica apenas, se tal teoria for aplicável no fazer de algo, portanto negociável. E negociar se justifica apenas se o negociado poder ser economicamente consumido. E que, do ponto de vista dos antigos, temos todos a mentalidade de escravos. É bom lembrar-se disto.

Posto Zero

## Paganismo-I

VILÉM FLUSSER

O mundo que nos cerca pode ser visto de muitos pontos de vista. A rigor, isto é muito curioso. A rigor, deveria supor-se que o mundo pode ser visto apenas de um único ponto, a saber daquele ponto ocupado pelo observador enquanto observa. Por exemplo: deveria supor-se que eu posso ver o mundo apenas do ponto de vista de um burguês em São Paulo. E, no entanto, na realidade posso vê-lo também do ponto de vista de um proletário milanes, de um aristocrata londrino, de um agricultor basco. Digo mais: posso vê-lo também do ponto de vista de um monge praguense do século 15, de um general ateniense do século 5 a.C., e de um pastor mesopotâmio do terceiro milênio antes de Cristo. O fato da minha curiosa capacidade de mudar pontos de vista, capacidade muito grande embora não ilimitada, chama-se "paganismo". E a tentativa de negar o fato chama-se "monoteísmo". Atualmente, o monoteísmo é predominante, (inclusive entre descrentes), o que implica empobrecimento.

O paganismo é politeísta. Admite a existência de numerosos "deuses". Deuses são pontos de vista. "Modelos do mundo". São espécie de óculos que me fazem ver o mundo, e todo par de óculos me faz ver o mundo inteiro. Se coloco Venus no meu nariz, vejo o mundo todo venéricamente, isto é: amorosamente. Se coloco Marte no meu nariz vejo o mundo todo marcialmente, isto é: dialécticamente, e passo: a saber que a guerra é o pai de todas as coisas. Se coloco Apolo no meu nariz, vejo o mundo todo apolineamente, isto é: logicamente e cientificamente. Se coloco Júpiter no meu nariz, vejo o mundo jovialmente, isto é: sob a visão da ordem e do progresso. Notem bem: todo o deus me mostra o mundo inteiro, não parcelas do mundo. No instante no qual coloco um determinado deus no meu nariz, este passa a ser o único deus do mundo inteiro. Apenas sei que posso tirá-lo e colocar outro, e que o outro passará a ser então o único deus. E isto que é paganismo.

Posso, é claro, ordenar meus óculos na estante. Posso criar teogonia, posso fazer de Júpiter o pai de todos os deuses, e casar Venus com Marte. Posso inclusive fazer os deuses brigarem entre si e se reconciliarem. Posso fazer tudo isto, porque é exatamente assim que os pontos de vista se ordenam. E, o que é ainda mais importante, posso escolher um deus que me é especialmente caro e optar por ele. (No meu caso: provavelmente Mercúrio, já que me assumo mercúrialmente, herméticamente). Mas tal opção é ambivalente. De um lado sei que é o deus que me escolheu, e não fui eu quem escolheu o deus. Por ser ele "meu" deus, eu pertencerei a ele. Por outro lado sei que existem outros deuses. Evitarei fanatismo. Urge atualmente repensar o paganismo.

16.3.72

## FOLHA ILUSTRADA

Posto Zero

## Paganismo-II

VILÉM FLUSSER

O monoteísmo admite apenas um único ponto de vista enquanto visão correta do mundo. Por exemplo: as religiões tradicionais vêem tudo "sub specie aeterni", sob o ponto de vista da eternidade. O marxismo vê tudo dialécticamente. O pansexualismo vê tudo sob o prisma do sexo. E há múltiplos outros monoteísmos. Para todo monoteísmo os demais estão enganados, errados, nefastos, pecaminosos. Existe apenas um único Deus, Maomé é seu profeta, os outros deuses são ídolos, e os outros profetas são falsos. A única comunicação verdadeira entre os vários monoteísmos é a guerra. O resto é conversa fiada.

O paganismo admite a multiplicidade dos pontos de vista possíveis. Todo ponto de vista dá visão correta do mundo, embora tal visão passe a ser falsa quando mudo de ponto de vista. A verdade passa a ser função do ponto de vista, e deixa de ser absoluta. Por exemplo: o que é a verdade do ponto de vista cristão não é necessariamente do ponto de vista freudiano. Digo mais: posso ver o cristianismo todo freudianamente, (por exemplo, enquanto sublimação de complexos). E posso ver o freudismo todo cristãmente, (por exemplo enquanto luxúria e soberba). Posso ver os dois, cristianismo e freudismo, marxisticamente enquanto alienações, e simultaneamente posso ver o marxismo enquanto edipismo, (freudianamente), e enquanto pecado contra o espírito, (cristãmente). E assim que o paganismo pode funcionar atualmente. Como constante mudança de pontos de vista.

Isto permite duas coisas. Permite um autêntico diálogo entre pontos de vista. E permite uma autêntica crítica dos pontos de vista. O autêntico diálogo passa a ser possível, porque parto para a confrontação com outros pontos de vista com mente aberta. Não creio que tenho "toda a razão" ao defender meu ponto de vista, apenas creio que tenho razão também, e procuro prová-lo ao outro. Pode ser que convenço disto o outro. Pode ser, que o outro me convence. Pode ser que mudaremos ambos de ponto de vista. E a crítica autêntica se torna possível, porque sei que todo ponto de vista deve ser criticado de dentro, e não de fora. Nada adiante querer criticar o cristianismo freudianamente. (Ou o freudismo cristãmente). Tais argumentos nunca captarão o essencial do ponto de vista criticado. Se quero criticá-lo, preciso transportar-me para dentro do ponto de vista a ser criticado. E preciso rir, não das coisas, mas dentro das coisas.

É claro: atualmente o paganismo não passa de utopia. Assistimos a diálogos monoteístas, diálogos entre surdos. E a críticas externas, portanto insignificantes. Mas agarremo-nos à utopia.

## Paganismo - IV

VILÉM FLUSSER

O paganismo admite que todo deus é sacro, e que todo deus se manifesta em tudo para quem se submete a tal deus. Por exemplo: quem se submete ao Sol, vê aspectos solares em tudo, na flor, na fonte, no rosto da amada, (e na bomba de hidrogenio, bem entendido). E quem se submete à Lua, vê em tudo aspectos selenicos e lunares. Por isto, para o paganismo o mundo está pleno de presenças do sacro, o toda coisa revela um deus, ("hierofania"). Para o monoteísmo o caso é diferente. Há apenas um unico Deus, (Jeová, ou Alá, ou a Economia, ou o Progresso), e todas as coisas escondem e tapam o unico Deus. E preciso retirar as coisas, modificá-las industrialmente e consumi-las, para desvendar o Deus abscondito, ("epiphania"). A sociedade de consumo é neste sentido um estagio avançado no caminho em direção da vinda do unico Deus. E a plenitude dos tempos que se aproxima.

Na plenitude dos tempos, (outrora utópica, mas atualmente perfeitamente imaginável), o unico Deus reinará para sempre e sempre. Todos os demais deuses terão sido definitivamente eliminados, e com eles a sacralidade de todas as coisas. Os meios de comunicação de massa, (e mais especialmente a televisão, por certo muito aperfeiçoada), serão os canais que cantarão dia e noite o louvor do unico Deus. Todos serão a estas alturas ortodoxos, já que não terão acesso a outro deus nenhum, não divulgado pelos meios de comunicação de massa. A unanimidade será comovente, e todas eleições votarão nos candidatos consagrados com 99,9%. (O restante por mil poderá ser eliminado com psicotropicos sabiamente distribuidos nas redes de agua e esgoto. E todos serão inteiramente felizes: Terão tudo o que desejarão, e desejarão tudo o que terão, num circulo feliz de retroalimentação entre programador e consumidor da cultura de massa. Será o paraizo.

Quica o paraizo ainda é evitavel. Porque ainda nem todos são monoteístas. Há os que ainda crêm que a felicidade não é a unica meta na vida. Que há outro valor que é a plenitude da vida. Há os que ainda crêm, no seu paganismo retrogrado e subdesenvolvido, que assumir um unico ponto de vista não é a forma mais rica e digna de passar-se o tempo entre nascimento e morte. Que, como diz Camus, o numero de máscaras que assumo no palco da vida, o numero de papeis que represento no drama do mundo, é medida da intensidade com a qual vivo. Que ser ator, portanto agente, é ser realmente humano, e não consumidor, portanto paciente. Sem duvida: os que assim crêm formam pequena minoria no oceano dos consumidores cujo nível de vida cresce milagrosamente. Mas minorias não são necessariamente vencidas.

Sexta-feira, 17 de março de 1972.

Posto Zero

## Paganismo - III

VILÉM FLUSSER

O paganismo admite a multiplicidade de deuses. Admite que há multiplas maneiras de ver o mundo, de vivenciar o mundo, de sofrer o mundo, e de agir no mundo. Mas isto não significa que todas as maneiras possiveis podem ser realmente aproveitadas por mim ou por aqueles que me cercam. Por exemplo: embora existam os deuses Manitu, Belzebu e Vichnu, é difícil imaginar que alguém possa viver, sofrer e agir em São Paulo atualmente seguindo tais modelos. E assim que toda cultura age: elimina alguns dos deuses possiveis, e oficializa outros.

Os deuses eliminados não morreram, no entanto. O crepúsculo dos deuses não é sua morte. Os deuses eliminados continuam guardados nas profundezas do nosso inconsciente. Há um canto em nossa alma no qual continua reinando Belzebu, embora acorrentado pela "moral" oficializada. Oficiosamente sequer admitimos que Belzebu existe. Mas inoficialmente sabemos dele, porque ele tem jeito de manifestar-se em nossos sonhos. "O deus lamacento do sangue", como diz Rilke. Ai de nós, se ele conseguir romper as cadeias e surgir à tona de dia.

Sabemos em que dá quando isto acontece. Não apenas ao observarmos os loucos. Porque os loucos são "possessos" por deuses que nós, os normais e normalizados, mantemos acorrentados. Não é apenas assim que sabemos em que dá quando se libertam deuses acorrentados. O nazismo fornece um exemplo coletivo. Na Alemanha dos anos 30 surgiram dos esgotos da mente os deuses imemoriais banhados em sujeira e sangue para devastarem a cena. Não necessariamente Votan e Loki, possivelmente deuses cujas origens nada tem de germânico, mas são paleolíticas ou até pré-humanas. O exemplo do nazismo é instrutivo.

Os deuses libertados não se comportam como se comportariam se tivessem sido livres sempre. Destroem, porque se vingam da servidão milenar, à qual foram submetidos. Não tivesse sido a sociedade alemã tão vitoriana e bem comportadinha, não teriam sido os SS tão animalescos e burros. Negar a existencia dos deuses escondidos é pois convite para que se manifestem com extrema violência quando castróficamente libertados. Admitir sua existência é torná-los assimiláveis e desarmá-los. É política mais adequada inclusive aos deuses oficializados. Não que se admita Belzebu enquanto deus reinante, mas que se admite que Belzebu existe, e que se faça alguma coisa com ele.

Nietzsche diz que quando venceu o cristianismo, durante muito tempo nas noites claras ouvidos atentos podiam ouvir voz chorando sobre as ondas do Mediterraneo: "Ai de nós, o grande Pan morreu". Não tapemos os ouvidos, para não termos medo pânico mais tarde.

# Grandeza

VILÉM FLUSSER

Não resta dúvida que o grande é diferente do pequeno. O que resta provar é que ele seja melhor que o pequeno. Resta prová-lo em época que tem fascínio por grandes empresas, grandes potências, grandes obras, superespétáculos e supermercados.

Como surge o grande? Uma forma de ele surgir é por crescimento do pequeno, outra por acumulação de muitos pequenos. Em todo caso: toda vez que surge o grande, tudo passa a funcionar de maneira diferente. A isto se chama "salto da quantidade para a qualidade". Por exemplo: o supermercado funciona de forma diferente do funcionamento do bair da esquina. Outro exemplo: a Gameleira em Belo Horizonte ruiu provavelmente, porque vigas grandes não podem ser calculadas como pequenas. De modo que neste sentido tamanho é documento.

Mas será que o grande funciona melhor que o pequeno? Para poder-se responder a esta pergunta, seria necessário saber o que é o bom funcionamento. Tarefa difícil. É o caso de perguntar-se: "bem para quem?" (culus bonum?). Tomem o exemplo da Grande Nação francesa. Há um ditado que afirma que ela composta de pequenos burgueses que querem casinha, jardimzinho e amiguinha. Será que a Grande Nação funciona bem para esses pequenos burgueses? Pergunta importante.

O adjetivo "grande" e "pequeno" tem um jeito curioso de qualificar o substantivo. Considerem a família, a tradição, e a grande propriedade? Ou pequena tradição da grande família com pequena propriedade? Duas coisas intrinsecamente diferentes, talvez até opostas uma à outra: Tomem a tradição isoladamente, e suponham que deve ser preservada. Qual delas? A grande, (por exemplo a religiosa)? Ou a pequena, (por exemplo a cozinha balana)? Ou ambas, (já que há ligação entre ambas)? O problema parece não ter sido posto atualmente com a nitidez desejável.

Não exageremos. Há duas tendências na atualidade. Uma aponta a grandeza, o gigantismo, a elefantose. A outra, aponta a miniaturização, o diminutivo. De um lado as siderúrgicas e os Jumbo Jets, do outro as edições de bolso e o rádio portátil. É a um observador atento a tendência para o pequeno parece a mais poderosa. Os transatlânticos enormes cederam lugar aos aviões pequenos, os automóveis gigantes aos pequenos, a lâmpada de rádio aos transistores. O que parece querer afirmar que o pequeno funciona melhor que o grande. De modo que a busca da grandeza pode perfeitamente ser sintoma de defasagem.

## POSTO ZERO

### Desastres na engenharia

VILÉM FLUSSER

Uma das poucas atividades brasileiras que já amadureceram e apontam novos rumos a toda Humanidade é a engenharia. Não apenas no sentido superficial, no qual Brasília é admirada pelo mundo. Mas no sentido mais profundo, no qual está surgindo entre nós um novo tipo de engenheiro. Portanto uma nova elite de uma nova sociedade. Por exemplo, o professor Milton Vargas. Autoridade internacionalmente reconhecida em Mecânica dos Solos, corresponsável por muitas das maiores obras brasileiras, sócio de grande empresa de engenharia, tem ele vasta cultura filosófica e literária, é autor de trabalhos em filosofia da ciência e em crítica literária, e representa, em suma, aquele novo universalismo aberto, o qual, por ser caracteristicamente brasileiro, é típico do novo homem.

Mas há o outro lado da medalha. Ultimamente os desastres e insucessos da engenharia brasileira se multiplicam. Urge compreender tal acontecimento. Há tipos de desastres: os devidos a circunstâncias imprevisíveis e os devidos a circunstâncias previstas, embora previsíveis. O primeiro tipo de desastre é lamentável no presente, mas frutífero para o futuro. Torna previsível o até agora imprevisível, aumenta o conhecimento e evita futuros desastres. O segundo tipo é intrinsecamente negativo. É criminoso. Os desastres atuais parecem ser todos do segundo tipo.

Como se deram? Um fator importante é o divórcio entre projeto e construção, entre modelo e aplicação, entre teoria e praxes. O projetista tende a alienar-se da obra e o construtor tende a transformar-se em instrumento executivo. Isso torna irresponsáveis a obra e o construtor. Ambos. O divórcio entre teoria e praxes não apenas dilui a responsabilidade, convida para a irresponsabilidade. Apenas a dialética entre teoria e praxes traz verdadeiro conhecimento. A saber: a contradição frutífera entre projeto e construção resulta em obra verdadeira. As obras que surgem da irresponsabilidade alienada, por impressionantes que sejam, são negativas: aumentam a alienação humana. A responsabilidade por elas deve, a rigor, ser assumida por toda a sociedade, cuja estrutura alienante provoca tais obras e seus desastres.

Os juizes que devem julgar as responsabilidades por tais desastres têm difícil tarefa. Os casos vagamente paralelos, (como os processos de Nuernberg), não fornecem modelos. Trata-se de formular a responsabilidade de funcionários estruturalmente irresponsáveis. Tarefas para filósofos de direito, como o é por exemplo o professor Miguel Reale. Já que temos entre nós pensadores como eles, que nos apante, a nós desorientados, uma solução do problema. Problema prenhe de futuro, a saber: do futuro da sociedade tecnocrática que se aproxima. Que este artigo seja desafio para o professor Reale.

## Bichos I Formigas

VILÉM FLUSSER

Os Estados Unidos, (e presumivelmente também a União Soviética), gastam somas apreciáveis na tentativa de localizar seres inteligentes no cosmos, para depois comunicar-se com eles. As premissas de tal busca são aparentemente estas: devem existir tais entes, porque o cosmos é grande, e tais entes devem ser mais inteligentes que nós, porque é difícil imaginar que sejam ainda menos inteligentes. As duas são premissas um tanto duvidosas, mas servem para justificar a tentativa da espécie humana para romper a sua solidão angustiante.

Antigamente a solidão não era tão terrível. Anjos e deuses faziam amor com as filhas dos homens, os mágicos especializados em tais tarefas comunicavam-se com poderes superiores, e santos medievais conversavam animadamente com pássaros e peixes. O isolamento humano surgiu com o Renascimento. O Homem, (com maiúsculo), passou a assumir-se único sùjeito do mundo, passou a assumir o mundo enquanto seu objeto, e passou a manipular o mundo científica — e tecnologicamente. Tal solidão humana é chamada elegantemente "humanismo". Os únicos contatos extra-humanos atualmente possíveis são as conversas de aposentados com cachorros e de solteironas com papagaios.

Isto é surpreendente. A espécie humana não é a única na Terra, afinal das contas. Por que gastar milhões de dólares para comunicar-se com espécies duvidosas em planetas duvidosos de Alpha Kentauri, se existem espécies indubitáveis aqui perto, com as quais ainda nem tentamos comunicar-nos? Com as formigas, por exemplo? A resposta é esta: porque pode ser fácil comunicar-se com anjos, deuses e forças superiores, (já que estes falam hebraico, grego ou nagô), e com os habitantes de Betelgueuse, (já que estes falam inglês), mas é terrivelmente difícil comunicar-se com formigas. São tão tapadas que nem sequer compreendem linguagens tão universais como é a matemática e a lógica, (aristotélica ou russehana). Ou somos nós os tapados? Que nem sequer captamos os símbolos da dança das abelhas?

Toda comunicação inteligente é convencional, no sentido de exigir dos participantes que concordem quanto ao significado dos símbolos aos quais recorre. Se digo a um aluno: "cachorro em inglês é dog" e se o aluno responde: "não creio e não gosto disto", nunca poderei conversar em inglês com ele. Quem sabe, não são as formigas, somos nós os que se comportam como o aluno? Vale a pena tentar mudar de atitude. Quiçá as formigas têm informações, (por exemplo quanto a organização social), que valem a pena? Enquanto exemplos negativos?

Bichos-II

23. III  
1972

## Chimpanzés

VILÉM FLUSSER

Contemplem um chimpanzé em jardim zoológico, enjaulado. Fuma cigarro, anda em bicicleta, e come com faca e garfo. Seria espetáculo altamente educativo para alunos do curso primário, não fosse o caso de ele por vezes assumir poses francamente obscenas. Mas pode ser visitado por cursos primários não obstante isto, já que tantos alunos quanto professorinhas pretendem não conhecer os significados de tais poses. Inocência visitando inocência, espetáculo comovente.

Quem é o chimpanzé, afinal das contas? Nosso antepassado indireto, (digamos: tio-avó), e nosso parente mais próximo fora do gênero humano. Comer carne de chimpanzé seria praticamente antropofagia, e num restaurante que incluísse no seu cardápio mãos assadas de chimpanzé incorreria inclusive em dificuldades religiosas. E que embora a alma imortal fosse prerrogativa apenas da nossa espécie, (de acordo com o ensinamento das religiões ocidentais), a expressão facial chimpanzina expressa algo muito semelhante à alma, muito mais semelhante que a expressão bovina, (com licença dos hindus que porventura têm este artigo). Sem dúvida, tal semelhança perturba profundamente.

Perturba em dois sentidos. Em sentido retrospectivo, e em sentido que visa o futuro. Retrospectivamente perturba, porque ilustra o que fomos outrora, e como, a rigor, pouco mudou desde que "evoluímos". Cada um de nós tem o seu chimpanzeísmo bem próximo da superfície bonita que exibimos ao mundo. E perturba ainda mais, se considerarmos o futuro. Seremos nós, acaso, os chimpanzés de uma espécie futura, e seremos acaso enjaulados para o gáudio das escolas primárias dos futuros super-homens? Faremos acaso teoria dos conjuntos, filosofia moral, arte concreta e outras poses primitivas para divertir a criançada de uma espécie mais evoluída, nossa prole tardia?

A perturbação é muito justa. A nossa prole evoluída talvez não seja tão tardia quanto pensamos. Quem sabe, já existe? Quem sabe, a nossa espécie já provocou o salto "genético", e os superhomens já estão passeando entre nós, sem que nós demos conta disto? As várias máquinas cibernéticas não serão os Adão e as Evas de toda uma evolução a superar a espécie humana? Não se fala em "terceira geração" dos computadores? Quem sabe, já vivemos, sem plenamente saber disto, em jardim zoológico, e funcionamos apenas para o gáudio de tais monstros e monstrinhos de bolso? Sem dúvida: boa pergunta.

Contemplem bem o chimpanzé enjaulado. Exemplo radiante de participante da sociedade de consumo. Exemplo do nosso futuro?

Bichos-III

Unicornios

VILÉM FLUSSER

Embora não sejam, a rigor, animais domésticos, são, no entanto, extremamente úteis ao homem. A sua utilidade varia com o tempo. Na antiguidade o seu chifre servia, apropriadamente moído, como remédio contra todos os venenos. Na Idade média o unicórnio servia como atributo da virgindade, portanto tinha utilidade pública incontestável. No romantismo e pós-romantismo foi amplamente utilizado como tema de poesias, (embora a palavra "unicórnio" não tenha muitas rimas nas línguas latinas). E atualmente é indispensável para livros de lógica e teoria do conhecimento. Com efeito: tais livros não poderiam existir, se o unicórnio não existisse, e nem, se existisse.

Para prová-lo, tomem as seguintes sentenças: "A maçã é verde. O sangue é verde. Deus é verde. A liberdade é verde. O presente rei da França é verde. O unicórnio é verde". A primeira sentença pode ou não ser verdadeira. A segunda é falsa. Ambas têm sentido. As demais sentenças não têm sentido. Pois isto é fácil dizer-se, é fácil verificar-se, já que, ao dizermos tais sentenças, estamos suprimindo risada. Por não terem sentido tais sentenças, são ridículas e divertidas. Difícil é dizer por que tais sentenças não têm sentido.

Seria fácil se pudéssemos dizer que tais sentenças não têm sentido, porque os seus sujeitos, a saber: Deus, a liberdade, o presente rei da França e o unicórnio, não existem. Mas não podemos dizê-lo. Não se pode dizer que Deus não existe, porque seria primeiro necessário definir o termo "Deus". Coisa impossível. Não se pode dizer que a liberdade não existe, porque a sua presença ou ausência são nitidamente constatáveis. A sentença "a liberdade é verde" não tem sentido, embora a liberdade exista. Não se pode dizer que o presente rei da França não existe, sem dizer-se também, quando se está falando. Por exemplo: no século 17 existia um rei da França que estava presente, e a sentença era então provavelmente falsa, e tinha portanto sentido. Mas quanto ao unicórnio, todos estão de acordo que não existe. Portanto podemos dizer claramente porque a sentença "o unicórnio é verde" não tem sentido. O único caso nítido entre os exemplos fornecidos.

Não fosse o unicórnio, e os livros de lógica e teoria do conhecimento não teriam sentido. Não teriam sentido, porque não poderiam exemplificar o que quer dizer: "não ter sentido". Isto seria pena, especialmente para professores de lógica e teoria do conhecimento. Mas, felizmente, há unicórnio, e Sócrates é seu fiel companheiro. Assim: Sócrates é mortal, e o unicórnio é verde. Viva a cultura!

Bichos-V

Gente

VILÉM FLUSSER

O que é que distingue o homem dos demais animais radicalmente, tão radicalmente que merece estudos totalmente separados da zoologia? Isto: todos os zoólogos pertencem, eles próprios, a espécie humana. Já que o Homem é o tema mais apaixonante do homem, e já que os zoólogos são homens, reservam ciências especiais e separadas da zoologia, para o estudo do Homem. Por exemplo a antropologia. E aí passam a descobrir, obviamente, que o Homem se distingue dos animais em muitos aspectos. Obviamente, porque se, em vez de antropologia, fizessem arthropodologia, descobririam que os insetos se distinguem dos animais em tantos aspectos, em quantos deles se distingue o Homem.

Todas as espécies são inteiramente distintas das demais sob certos aspectos. Não fosse assim, e não teria sentido falar-se em espécies distintas. E todas as espécies, cada qual por si, representam um ponto máximo na evolução da vida. Não fosse assim, e a espécie estaria extinta. Representam, cada qual, um ponto máximo da evolução, mas cada qual o ponto máximo de um ramo da evolução que se dirige a metas divergentes. Apenas neste sentido é o Homem o animal mais evoluído. Todos os animais existentes são, neste sentido, os mais evoluídos.

Será pois a nossa profunda convicção quanto à posição especial do Homem no contexto da vida apenas expressão do nosso chauvinismo humano? Não haverá realmente critério "objetivo" a permitir a afirmativa que somos superiores às minhocas? Estamos realmente condenados a dizer que "objetivamente" a minhoca nos supera por exemplo na capacidade de regenerar partes do corpo perdidas? Possivelmente não haja. Possivelmente a objetividade nos obriga a reconhecer que todos os animais são iguais, inclusive o homem. Animal Farm de Orwell. Mas que significa isto? Absolutamente nada.

A objetividade que se dane. Viva o chauvinismo humano, (o único chauvinismo que se justifica atualmente). Somos humanos, e nada humano nos é alheio. Cantemos o louvor do Homem, não embora seja apenas animal igual aos outros, mas porque é apenas animal igual aos outros. E não cantemos apenas o louvor dos ditos "grandes" homens. Isto seria fácil. Sophocles e Mozart dispensam nossos louvores. Cantemos o louvor da gente. Isto é o que é difícil. É difícil ver na massa uniforme, cinzenta e corriqueira dos homens que nos cercam o fato de que cada qual desses homens é potencialmente o nosso parceiro na luta contra o absurdo da vida e da morte animal. É difícil, mas deve ser tentado. Não com, mas contra toda antropologia.

Posto Zero 24 III 72

Bichos-IV

O bicho de sete cabeças

VILÉM FLUSSER

Nunca compreendi por que se fale no bicho de sete cabeças como se fosse coisa do outro mundo. Posso, perfeitamente imaginar um encontro com um amigo na rua Augusta, e que tenha um cachorrinho de sete cabeças no braço. Um Cachete em miniatura. Flocaria, é verdade, um tanto surpreendente, mas tal bichinho, mas, não, engouqueceria, nem mandaria, e a hipotese biológica que explique o por que das sete cabeças, não tenho, dúvida: se um bicho de sete cabeças, existe a biologia pode explicá-lo.

Um caso muito mais terrível seria este: vejo cabeça de cachorro olhando por um portão, e quando me aproximo, vejo que a cabeça de cachorro tem corpo de gato. Al sim, privável, mente enlouqueceria. Ou estaria em moesteiro. Ou passaria a acreditar em macumba. Porque não posso imaginar hipótese biológica que explique gato com cabeça de cachorro: se não posso imaginar tal hipótese, devo jogar fora toda a biologia, podendo imaginar tal hipótese, devo jogar fora toda a biologia, na presença de um fato observado. E, no jogar, fora a biologia, devo jogar fora também toda a ciência, da atualidade. E com ela toda a cultura, e qual pertença, e melhor enlouquece, que fazer isto. Ou então optar na hora por outra cultura, totalmente diferente.

O chitoso é que nem todos reagiriam da mesma forma. Jornalistas tarde publicam notícias de vacas dando luz a rinocefalos, e de mulheres dando luz a bezerros, e também se suicida, que eu saiba. A explicação disso deve ser esta: grandemajoria da população, embora pertença a cultura profundamente influenciada por ciência, ignora as regras de acordo com as quais a ciência funciona. Não sabe portanto distinguir entre acontecimentos extraordinários, explicações científicamente e outros definitivamente inexplicáveis. E não sabe que, se acontecimentos definitivamente inexplicáveis realmente acontecessem, isto seria o fim da cultura, que os abriga. O fim da TV, por exemplo.

Aparentemente tal ignorância abre o campo para a imaginação, fértil, povoada de bichos de sete cabeças e gatos com cabeça de cachorro. Mas na realidade é impossível, e enormemente fantasiosa. Porque apenas uma fantasia, e não coisas possíveis, embora altamente improváveis, isto é, ver science fiction, o tipo impossível, que é pobre e chato, e o tipo possível, mas improvável, que é interessante e estimulante. A grande maioria é do primeiro tipo. A minoria que pertence ao segundo tipo é já feita para ver-se o bicho de sete cabeças que é o nosso futuro.

# Inferno-I

VILÉM FLUSSER

Embora, conforme me consta, um certo senhor Dante Alighieri já tenha escrito algo sobre o tema epigrafado, retomarei o assunto. O citado autor, medieval se não estou enganado, não pode, dada a sua situação histórica, econômica e outras, estar atualmente válido, lucido e enquadrado no contexto. Está, em outras palavras, superado. De maneira que o assunto precisa ser re-examinado à luz das pesquisas e resultados mais recentes, e com aquele espírito objetivo, esclarecido e maduro que tanto caracteriza a atualidade. E o que farei em seguida.

Outrora a Terra era disco circular plano. Os três continentes (Europa, Ásia e África), cercavam o Mediterrâneo, e eram, por sua vez, cercados pelo Oceano. O disco estava coberto, qual queijo em restaurante de segunda categoria, por redoma chamada "céu". Tal redoma girava e tinha buracos, chamados "estrelas", pelos quais era visível o fogo externo que ardia lá fora. No céu se moviam também os cinco planetas, o Sol e a Lua, mas não vou complicar o assunto com detalhes sem interesse. O importante é isto: por baixo do disco estava localizado o inferno, assunto da presente pesquisa.

Tinha deuses no céu, e outros, parentes próximos dos primeiros, no inferno. Havia trânsito entre Terra, céu e inferno. Prometeu por exemplo subiu ao céu para roubar, um tanto prosaicamente, um pouco do fogo a ser utilizado em cozinhas terrestres. E Orfeu desceu, mais romanticamente, até o inferno, para trazer de volta a sua senhora. As crateras dos vulcões ofereciam aos curiosos vistas do inferno altamente esclarecedoras (e também pedagogicamente muito úteis). Em suma: o universo estava em perfeita ordem, e tudo nele era verificável empiricamente. A única dúvida possível era esta: Quem sustentava os pilares que sustentavam a Terra? Apenas os músculos de Hércules e de outros gigantes? As fundações do universo, como as de certas obras mais recentes, não inspiravam talvez confiança ilimitada.

Razão por quê, como é de conhecimento geral, o universo foi re-estruturado. Cálculos acurados, feitos por Copérnico, Kepler, Newton, e outros calculistas de grande confiança, permitiram não apenas a reformulação, mas inclusive considerável ampliação da estrutura do universo (Embora tais cálculos estejam sendo revistos atualmente, dadas certas falhas que estão aparecendo). O resultado amplamente divulgado foi este: o céu não está mais por cima da Terra, mas a Terra está no céu. Um resultado menos divulgado foi este: também o inferno foi integrado, e a Terra está agora no inferno. Em que deu isto? Leiam o próximo artigo e saberão o desfecho.

# Inferno-II

VILÉM FLUSSER

O céu é superior, e o inferno é inferior, (conforme atlast diz muito bem seu nome). E o superior é bom, e o inferior é mau, (e quem duvidar disto que pergunte a não importa que funcionário de grande companhia). De maneira que todo mundo quer ir ao céu e não ao inferno. Já que ninguém pode ficar sempre na Terra, coisa que alguns talvez prefeririam. Mas o problema não é este. O difícil atualmente é saber-se onde fica "em cima", e aonde "embaixo". Porque as dimensões do espaço se tornaram relativas a quem olha. Não era preciso de nenhum Einstein para que assim seja. Há muito tempo se diz: "à direita para quem entra". E desde que existem edifícios é sabido que o elevador sobe ao quinto andar do térceiro, mas desce ao mesmo andar do oitavo. De maneira que o céu de uns é o inferno de outros. Problema.

É isto em que deu a reestruturação do universo pelos calculistas do Renascimento e do Barroco. Tudo tornou-se relativo ao Homem. Tudo depende do seu ponto de vista. Um determinado lugar, visto de certa posição, é definido "céu". E o mesmo lugar, mudada a posição, é definido "inferno". Exemplos deste fato, um tanto inquietante, abundam. Exemplos tomados não apenas da política, mas de inúmeros outros campos. Tal fato é rotulado "crise dos valores".

Suponhamos que alguém quer dirigir-se, um tanto per-versamente, ao inferno. (Talvez por achar que é lugar mais interessante que o céu, ou por preferir lé-lé-lé às variações de um tema de Palestrina). Dizem que a estrada que conduz ao inferno é larga e pavimentada de boas intenções, de maneira que deve ser estrada de primeira categoria. E, no entanto, terá dificuldade em localizar tal estrada no mapa. Claro, pode enganar os serviços de Virgílio, ou de outro guia turístico mais atualizado. Mas pode ter a seguinte surpresa: ao chegar, pode verificar que está na realidade no céu, pelo menos em céu para alguns guias tão autorizados quanto o é seu guia. A surpresa contrária é ainda mais desagradável. Alguns podem crer que a vida toda estão viajando em direção do céu. O seu Michelin o afirma, e todos os lugares pelos quais passa estão devidamente marcados no mapa que segue. E ao chegar verifica que está no inferno, nitidamente assim marcado em outros mapas. Coisa extremamente chata.

Pois devemos aprender a viver com mapas projetados de pontos de vista variáveis. E em que deu a reforma do cosmos. Devemos aprender a viver com teoria geral da relatividade dos valores. E verdade: mapas relativos são piores que mapa nenhum, já que apenas desorientam. Mas, paciência, existem: É isto o fim do século 20.

Preocupar-se com o inferno é pois ser realista. Mas será o contrário, a saber: preocupar-se com o céu, ser idealista? Infelizmente não é este o caso. Atualmente não exige idealismo nenhum imaginar-se o céu. O céu está atualmente sendo realizado na terra, conforme vinham prometendo várias religiões de salvação com insistência que lembra monomania. Considerem por exemplo a imagem celeste forçada pelas diversas variantes do cristianismo: lugar de contemplação e identificação do contemplante com o conteúdo. Pois não é exatamente esta a situação que abarca a televisão e os espectadores? Ou a imagem islâmica do céu: lugar de prazeres sensuais, artísticos e intelectuais, interrompidos por preocupações terrenas. Pois não é exatamente esta a situação nos "campings", nas "praças", nos diversos lugares de turismo? E é possível ir-se mais longe: não importa, que imagem celeste, por exótica que seja, está sendo atualmente realizada, pela sociedade de consumo. Todas as esotologias estão se realizando.

Que significa isto? Obviamente significa, entre outras coisas, que os profetas que perambulam nas ruas das cidades protestantes, dizendo aos transeuntes: "arrependam-se, o reino do céu está próximo", deixaram de ser profetas. O céu está chegando, sem arrependimento por parte dos seus pacientes. Mas significa muito mais que isto. A saber: o céu está se realizando, sem que, por causa disto, a realidade deixe de ser o que sempre tem sido: inferno sem fantasia nenhuma. Em outras palavras: Não importa que céu, quando realizado, passa a ser inferno, pelo simples fato de ter sido realizado. Qual a lição que podemos aprender dessa experiência fundamental da atualidade? Nenhuma. E talvez seja isto: que devemos aprender atualmente: lição nenhuma.

# Inferno-III

VILÉM FLUSSER

Posto Zero

29.11 72

# Inferno-IV

VILÉM FLUSSER

A dificuldade de distinguir-se entre inferno e céu, entre demônio e anjo, caracteriza a atualidade. Uma das explicações possíveis disto é esta: Antigamente a humanidade vivia dividida em vários grandes grupos, chamados "culturas". O homem individual participava da sua cultura e era por ela abrigado. Mas ignorava praticamente as demais culturas, das quais tinha notícias vagas e deformadas. Toda cultura fornecia uma imagem específica do inferno, (e, um pouco mais nebulosamente, também do céu). Eram as únicas imagens disponíveis ao indivíduo, e toda confusão entre inferno e céu era evitada. Atualmente caíram as barreiras entre as culturas. A consequência é esta:

Todo indivíduo, participe ele da massa cosmopolita ou da elite cosmopolita, tem conhecimento imperfeito da própria cultura, mas tem conhecimento suficiente das demais culturas para poder compará-las com a sua. Por exemplo: poucos têm atualmente o conhecimento, a vivência e a identificação com o catolicismo que existiam na Idade Média para muitos. Mas muitos têm atualmente conhecimento direto ou indireto do budismo, conhecimento suficiente para poder compará-lo com o catolicismo. Portanto sabem o seguinte: o inferno católico é a aniquilação, mas a aniquilação, (por certo levemente diferente), é o céu budista. E o céu católico é a vida eterna, mas a vida eterna, (na forma da constante re-incarnação), é o inferno budista. Quem se dirige portanto ao céu católico pode perfeitamente acabar chegando no inferno budista. E quem tem medo de cair no inferno católico que se console: pode estar perfeitamente subindo ao céu budista. Curioso isto.

A constante comparação entre a própria cultura e as culturas alheias e atualmente inevitável. Tem vários efeitos a curto e a longo prazo. A curto prazo um dos efeitos é que a própria cultura deixa de abrigar-nos. Somos alienados da própria cultura, embora continuemos também alienados das demais culturas. Por exemplo: não sabemos identificar nosso próprio inferno, mas menos ainda identificamos outros infernos. Outro efeito a curto prazo é que compreendemos melhor que antigamente as generalidades, e muito pior as especificidades. Por exemplo sabemos atualmente que quer dizer "fenômeno religioso", (já que podemos comparar entre várias religiosidades), mas a expressão "esta religião, única e verdadeira" perdeu para nós sentido. A saber: compreendemos bem a infernalidade, mas nada sabemos a respeito do inferno. A longo prazo o efeito da constante comparação entre culturas talvez seja uma nova super-cultura, sintetizadora das anteriores. Mas isto ainda não é para nós, condenados a infernos específicos, nos quais não cremos.

# Inferno - V.

VILÉM FLUSSER

Muitos entre os mais velhos se lembrarão ainda da expressão utilizada durante a Segunda Guerra para descrever a Europa: inferno no paraíso. Talvez a expressão tenha significado mais amplo. Talvez signifique isto: Todo inferno, para dar-se deve dar-se no céu, e o céu é o lugar no qual os infernos são possíveis. Afinal, não é isto que temos em mente ao dizermos que a felicidade ininterrupta cria desespero? E a famosa nausea dos inteiramente satisfeitos, (tão importante para as análises existenciais da vida), que é ela senão o inferno no paraíso? Em outras palavras: os que ainda estão no céu, os que têm preocupações imediatas e graves problemas para resolver, simplesmente não dispõem de tempo suficiente para estarem no inferno.

Mas a expressão acima referida pode ser invertida, dada a atual relatividade de tudo: o céu pode dar-se apenas no inferno, e o inferno é o lugar no qual ceus podem dar-se. Em nível elevado é isto que Goethe tinha em mente ao dizer que as forças celestes são vivenciáveis apenas no desespero. E em nível mais chão podemos observá-lo na própria vida. A felicidade que vivenciamos em criança ao chuparmos pirulito era incomparavelmente maior que a felicidade que sentimos atualmente ao alcançarmos alguns ditos "trunfos na vida". É que ao contrário do que se propaga por aí, a vida da criança é infernal, principalmente se for criança pobre. O pirulito é o céu no inferno infantil da pobreza, como a criação é o céu no inferno do desespero.

A conclusão que se impõe de tais considerações é um tanto desconcertante: apenas quem está no inferno pode vivenciar o céu, e apenas quem está no céu está condenado a sofrer as penas do inferno. Nos países desenvolvidos as pessoas se suicidam em massa, e na miséria das favelas as pessoas estão mais pertinho do céu. Que conclusão é esta? Defesa do inferno, na sua forma mais palpável: miséria humana? Conclusão nefasta. E o fato de sabermos-la nefasta é prova que bem no fundo da nossa consciência ainda sabemos distinguir entre inferno e céu. As especulações elegantes quanto a relatividade dos valores não obstante: talvez não saibamos o que é o bem, mas sabemos perfeitamente o que é o mal quando o enfrentamos. É bom, isto sim nós o sabemos, nunca esquecer que o mal é indiscutível e indistarcável.

Pois é isto em que dá uma consideração do inferno na atualidade? Os vários ceus se evaporaram, porque estão sendo realizados. Com efeito, deixaram de ser interessantes. Mas o mesmo não se dá com os vários infernos. Embora sejam vários, continuam infernais todos. Nem tudo está perdido, desde que saibamos do mal, embora o bem nos escape.

FOLHA



## A de pedra

VILÉM FLUSSER

A época dos monumentos aos Grandes Homens está infelizmente passando. É difícil imaginar atualmente, já não digo pavilhão em parque parisiense com pequeno altar dedicado ao culto de Pompidou, mas até estátua equestre de Nixon na entrada do aeroporto de Tuscaloosa, Alabama: É pena. Todos estamos lembrados com saudade dos monumentos que pequenas cidades construíam nos seus parques aos seus Grandes Filhos. Ao Poeta, Combatente, Pintor, ou (na falta de tais), Farmacêutico e Político da cidade. Lá estava ele sentado em poltrona de pedra, com livro aberto no colo, olhando fixamente a entrada do banco no outro lado do parque; enquanto uma moça, vestida de camisola e segurando uma lra na mão esquerda, se inclinava sobre ele e cochichava no seu ouvido. Quem era a moça? A sua Musa. E ambos continuam lá até hoje.

Em meninos procurávamos imaginar o que a moça estava dizendo de tão importante. E quando púberes, deduzíamos da pose e da diferença de idade entre sentado e inclinada, que o assunto sussurrado provavelmente não se destinava aos ouvidos menores de 18 anos. Agora, adultos, sabemos a Musa está inspirando o Mestre. Processo que, agora o sabemos, ali de nós, se destina apenas a ouvidos menores de 18 anos.

Até os 18 anos somos românticos todos. A puberdade se manifesta culturalmente enquanto romantismo, ou, (o que vem a ser o mesmo), o romantismo é a puberdade de uma dada cultura. Por isto aliás os artistas do romantismo fazem bem em suicidar-se logo depois de ultrapassada a puberdade, se a doença romântica, a tuberculose, não tiver cumprido tal tarefa por eles. Pois para os românticos, (e para todos nós até os 18 anos), a criação artística é fruto de inspiração do criador pelas musas. É curioso isto, porque inverte o papel dos sexos. A musa fertiliza, o artista é fertilizado, concebe, e dá a luz a obra decorridos nove meses, (ou cinco minutos). E isto não é o único aspecto curioso da coisa. Imaginem a cena. Musas voando por aí em busca de ouvidos a serem fertilizados, voando quais abelhas. O DDT acabou com isto.

Acabou com isto, superada a puberdade, porque agora sabemos que criar é outra coisa. É projetar algo que deve ser realizado, e é projetado não apenas emocionalmente, mas intelectualmente. E depois é lutar duramente para que a estúpida realidade aceite o projeto e seja modificada. E finalmente é verificar que a obra realizada está longe de ter cumprido o projeto. Em tudo isto infelizmente não sobra lugar para a musa. O seu lugar apropriado é o monumento no parque da pequena cidade. E lá continua. Daí a nossa saudade. Ah, se não fosse de pedra.

**BRASILIA (Sucursal)** — O serviço de censura de diversões públicas liberou a letra da canção "Pátria Alto" depois de algumas alterações nela feitas pelo seu autor, Chico Buarque de Holanda. Na letra original, além de dizer que o Brasil "é uma títica", havia um verso nestes termos: "Einha um mundo inteiro para nascer, e nasci brasileiro". A palavra "títica" e este verso provocaram a interdição da letra, pois, segundo os censores, faziam referências desabonadoras à terra e povo brasileiros. Chico Buarque substituiu a palavra "títica" por "côstica" e, no verso, "brasileiro" foi mudado para "bataqueiro", após o que, em grau de recurso, a chefia do serviço de censura de diversões públicas decidiu liberar a canção.

## Homens Famosos-IV.

## O pai de Homero

VILÉM FLUSSER

A fama, como todo fenômeno cultural, tem história e geografia. Considerem um europeu recém chegado em São Paulo. A rua Benjamin Constant o surpreende tanto quanto as numerosas "euclidianas" nas livrarias. Por que dar nome de pensador francês relativamente obscuro a rua paulistana, e por que tamanho interesse pela geometria? E que os nomes "Benjamin Constant e Euclides" famosos tanto na Europa quanto em São Paulo, designam nos dois lugares pessoas diferentes?

É claro: a identidade enganadora dos nomes não é mero acaso. A explicação é esta: Os pais de Benjamin Constant e de Euclides da Cunha devem ter sido movidos, ao darem nomes aos filhos, pela fama que tais nomes têm na Europa. A história influi na geografia. Ou, no caso exemplificado, a deitasagem. O problema que transparece nisto é este: ao tentar fazer "meu nome", não estou tentando fazer "meu" nome, mas o nome que meu pai me deu. Aspecto do condicionamento humano: não ter eu escolhido as condições nas quais nasci, nem sequer meu nome. A rigor: a fama de Homero não torna famoso Homero, mas o pai de Homero.

Quem sabe, isto é justo? Não é importante ser alguém, nem muito menos ser filho de alguém, ("fidalgo"), mas ser pai de alguém, isto sim é importante. Aristocracia inversa. Alguns arabes sabem disto, e chamam-se a si próprios, "pai de fulano", por exemplo "Abu Bakr". O contrario dos Joãoes de João e de Fernando. Para nem falar nos Netos.

Por que é importante ser pai de alguém quem alcançou a fama? A resposta a tal pergunta é necessariamente comparativa. Ser filho de homem famoso é terrível. É viver constantemente na sombra, ou então renegar as origens. Ser homem famoso é situação altamente duvidosa. Coloca, entre outros, o problema da extensão e da intensidade da fama. Mas ser pai de homem famoso significa ser autor de uma autoridade reconhecida. Significa pois ter-se realizado. Por isto o direito do pai de dar nome ao filho se justifica apenas se o filho tornar tal nome famoso. Dar nome ao filho significa buscar a fama.

É duvidoso se efetivamente viveu um homem chamado Homero. A tese predominante atual é que o nome Homero designa vagamente um grupo de poetas e redatores da Iliade e da Odisséia, grupo que provavelmente trabalhava em colaboração esporádica por um período longo que deve ter excedido o século. Aí, todo indubitável é que alguém deu o nome "Homero" a tal grupo. Chamemos esse alguém de "pai de Homero". Este alguém é um dos homens mais famosos da humanidade. Isto é fama.

## Posto Zero

### Paredes

VILÉM FLUSSER

Sou determinado por minhas quatro paredes. Se permaneço entre elas, sou privado, se saio, penetro o público. Tenho dois mundos graças às paredes: o particular cá dentro, o político lá fora. Devo decidir-me: encontrar-me no privado e perder o mundo, ou conquistar o público e perder-me. Decisão impossível, já que as paredes são opacas. Não tão opacas quanto parecem. Têm portas e janelas. Graças às portas posso politizar-me de manhã e particularizar-me de noite. Graças às janelas posso contemplar criticamente os acontecimentos públicos sem sair da minha reserva. Estas as duas aberturas que tenho.

Aberturas altamente duvidosas. Se saio pela porta de manhã afim de voltar de noite, a finalidade da saída é a volta. Não estou verdadeiramente engajado na política, mas visto o interesse particular nela. E que lanço, em praça pública, constantemente olhares furtivos em direção da porta. E não vou à praça apenas para lá deixar algo, mas principalmente para trazer algo para casa. Engajamento suspeito.

Se olho pela janela, estou acima dos acontecimentos. Vejo o trânsito sem sujar-me e sem perigo de ser atropelado. Tal visão pura e distanciada será conhecimento? Teoria sem praxis? (O problema da janela é o da filosofia, das ciências teóricas e das artes puras).

As aberturas que as paredes oferecem não resolvem o dilema da decisão impossível. Embora o progresso as tenha tornado perfeitas. Há atualmente portas que conduzem diretamente para a garagem, de forma que o trânsito se encontre praticamente entre as quatro paredes. Domesticação da política portanto. E há atualmente janelas panorâmicas, (chamadas "televisão"), que oferecem uma vista tão ampla que abranje inclusive a Lua. Politização do particularíssimo portanto. Em nada adiantou tal progresso. Resultou apenas naquela despolitização e desparticularização total chamadas "cultura de massa".

É porque não apenas as portas e as janelas se tornaram perfeitas, também as próprias paredes. Passaram a ser termostáticas, impermeáveis ao som, à luz e indestrutíveis. Isolam perfeitamente. Somos perfeitamente isolados entre as nossas quatro paredes, portanto perfeitamente perdidos quando as abandonamos. Isto é: entre as quatro paredes estamos na solidão do privado publicável, e lá fora na solidão do público particularizável.

Tudo isso não obstante: a decisão impossível de ser tomada. Ou viver entre as paredes, ou fora. Deve ser tomada diariamente. Faz parte daquela condição impossível chamada "condição humana". As paredes ilustram a condição humana, são condição humana.

## Posto Zero

### Copa e cozinha

VILÉM FLUSSER

A casa romana abrigava dois tipos de deuses: os "lares" (deuses da lareira e da cozinha), e os "penates" (deuses da dispensa e da copa). Eram deuses particulares e privados. A coisa pública tinha outros deuses, republicanos, como Jupiter e Juno. A relação entre os deuses particulares e os públicos não era clara, e tornou-se ainda mais confusa durante o Império, quando a coisa pública virou coisa particular dos imperadores. Havia lares e penates em praça pública, e estatuas do imperador eram adoradas em casa. A confusão entre a praça pública de um lado, e a copa e cozinha do outro, continua até os nossos dias.

A confusão é evitável se definirmos os termos. A republica é o lugar da publicação, da exposição, da troca de opiniões e de coisas. É o lugar do mercado, da feira, da "política" portanto. E a copa e cozinha são o lugar do recolhimento, da colheita, o armazém do poupado, e o retiro para o consumo e o descanso. São o lugar separado, segregado e do segredo. Portanto: na copa e cozinha não pode haver comércio, e na republica não pode haver segredo. E a vida tem duas nitidas fases: a fase republicana, aberta ao mundo, e a fase copeira e cozinheira, fechada, recolhadora e acolhedora. Pelo menos em tese.

A tese é atualmente insustentável. A cultura de massa está apagando a fronteira entre a republica de um lado, e a copa e cozinha do outro. Será o cinema, por exemplo, ainda lugar público, portanto republicano, já que atualmente oferece visões não apenas de copas e de cozinhas, mas inclusive de banheiros e privadas (as quais portanto deixaram de ser privadas)? E serão a copa e cozinha ainda lugares segregados e de recolhimento, já que a televisão, (colorida ou não), invade a sua particularidade com publicidade? Atualmente não adianta definir os termos. Os lares e Jupiter tornaram-se indistinguíveis.

Que aconteceu? Claro: podemos dizer que a privada virou feira. Mas mais correto seria dizer que a feira virou privada. Não é tanto o caso da politização do privado, como o da particularização do público e publicável. Graças aos meios de comunicação de massa a copa e a cozinha se expandiram de forma gigantesca. Agora ocupam praticamente o espaço inteiro. E continuam a expansão, agora em cores, em desenhos animados e em pseudo-publicações que visam direta e propositadamente à privada. Um exemplo magnífico da expansão explosiva do cosmos. Que fazer diante fato tão universal e onipresente? Adorá-lo? Adorar um lar gigantesco mascarado em Juno? Ou entrar na copa, fechar a porta e jogar fora a chave? Única escolha que resta.

## A de pedra

VILÉM FLUSSER

A época dos monumentos aos Grandes Homens está infelizmente passando. É difícil imaginar atualmente, já não digo pavilhão em parque parisiense com pequeno altar dedicado ao culto de Pompidou, mas até estátua equestre de Nixon na entrada do aeroporto de Tuscaloosa, Alabama: E pena. Todos estamos lembrados com saudade dos monumentos que pequenas cidades construíam nos seus parques aos seus Grandes Filhos. Ao Poeta, Combatente, Pintor, ou (na falta de tais), Farmacêutico e Político da cidade. Lá estava ele sentado em poltrona de pedra, com livro aberto no colo, olhando fixamente a entrada do banco no outro lado do parque, enquanto uma moça, vestida de camisola e segurando uma lira na mão esquerda, se inclinava sobre ele e cochichava no seu ouvido. Quem era a moça? A sua Musa. E ambos continuam lá até hoje.

Em meninos procurávamos imaginar o que a moça estava dizendo de tão importante. E quando púberes, deduzíamos da pose e da diferença de idade entre sentado e inclinada, que o assunto sussurrado provavelmente não se destinava aos ouvidos menores de 18 anos. Agora, adultos, sabemos a Musa está inspirando o Mestre. Processo que, agora o sabemos, ali de nós, se destina apenas a ouvidos menores de 18 anos.

Até os 18 anos somos românticos todos. A puberdade se manifesta culturalmente enquanto romantismo, ou, (o que vem a ser o mesmo), o romantismo é a puberdade de uma dada cultura. Por isto aliás os artistas do romantismo fazem bem em suicidar-se logo depois de ultrapassada a puberdade, se a doença romântica, a tuberculose, não tiver cumprido tal tarefa por eles. Pois para os românticos, (e para todos nós até os 18 anos), a criação artística é fruto de inspiração do criador pelas musas. É curioso isto, porque inverte o papel dos sexos. A musa fertiliza, o artista é fertilizado, concebe, e dá a luz a obra decorridos nove meses, (ou cinco minutos). E isto não é o único aspecto curioso da coisa. Imaginem a cena. Musas voando por aí em busca de ouvidos a serem fertilizados, voando quais abelhas. O DDT acabou com isto.

Acabou com isto, superada a puberdade, porque agora sabemos que criar é outra coisa. É projetar algo que deve ser realizado, e é projetá-lo não apenas emocionalmente, mas intelectualmente. E depois é lutar duramente para que a estúpida realidade aceite o projeto e seja modificada. E finalmente é verificar que a obra realizada está longe de ter cumprido o projeto. Em tudo isto infelizmente não sobra lugar para a musa. O seu lugar apropriado é o monumento no parque da pequena cidade. E lá continua. Daí a nossa saudade. Ah, se não fosse de pedra.

BRASILIA (Sucursal). — O serviço de censura de diversões públicas liberou a letra da canção "Pátria Alto" depois de algumas alterações nela feitas pelo seu autor, Chico Buarque de Holanda. Na letra original, além de dizer que o Brasil "é uma títica", havia um verso nestes termos: "Einha um mundo inteiro para nascer, e nasci brasileiro". A palavra "títica" e este verso provocaram a interdição da letra, pois, segundo os censores, faziam referências desabonadoras à terra e povo brasileiros. Chico Buarque substituiu a palavra "títica" por "coísica" e, no verso: "brasileiro" foi mudado para "bataqueiro", após o que, em grau de recurso, a chefia do serviço de censura de diversões públicas decidiu liberar a canção.

## Homens Famosos-IV.

## O pai de Homero

VILÉM FLUSSER

A fama, como todo fenômeno cultural, tem história e geografia. Considerem um europeu recém chegado em São Paulo. A rua Benjamin Constant o surpreende tanto quanto as numerosas "euclidianas" nas livrarias. Por que dar nome de pensador francês relativamente obscuro a rua paulistana, e por que tamanho interesse pela geometria? E que os nomes "Benjamin Constant e Euclides" famosos tanto na Europa quanto em São Paulo, designam nos dois lugares pessoas diferentes?

É claro: a identidade enganadora dos nomes não é mero acaso. A explicação é esta: Os pais de Benjamin Constant e de Euclides da Cunha devem ter sido movidos, ao darem nomes aos filhos, pela fama que tais nomes têm na Europa. A história influi na geografia. Ou, no caso exemplificado, a deitasagem. O problema que transparece nisto é este: ao tentar fazer "meu nome", não estou tentando fazer "meu" nome, mas o nome que meu pai me deu. Aspecto do condicionamento humano, não ter eu escolhido as condições nas quais nasci, nem sequer meu nome. A rigor: a fama de Homero não torna famoso Homero, mas o pai de Homero.

Quem sabe, isto é justo? Não é importante ser alguém, nem muito menos ser filho de alguém, ("fidalgos"), mas ser pai de alguém, isto sim é importante. Aristocracia inversa. Alguns arabes sabem disto, e chamam-se a si próprios, "pai de fulano", por exemplo "Abu Bakr". O contrario dos Joãoes de João e de Fernando. Para nem falar nos Netos.

Por que é importante ser pai de alguém quem alcançou a fama? A resposta a tal pergunta é necessariamente comparativa. Ser filho de homem famoso é terrível. É viver constantemente na sombra, ou então renegar as origens. Ser homem famoso é situação altamente duvidosa. Coloca, entre outros, o problema da extensão e da intensidade da fama. Mas ser pai de homem famoso significa ser autor de uma autoridade reconhecida. Significa pois ter-se realizado. Por isto o direito do pai de dar nome ao filho se justifica apenas se o filho tornar tal nome famoso. Dar nome ao filho significa buscar a fama.

É duvidoso se efetivamente viveu um homem chamado Homero. A tese predominante atual é que o nome Homero designa vagamente um grupo de poetas e redatores da Iliade e da Odisséia, grupo que provavelmente trabalhava em colaboração esporádica por um período longo que deve ter excedido o século. Aí todo indubitável é que alguém deu o nome Homero a tal grupo. Chamemos esse alguém de "pai de Homero". Este alguém é um dos homens mais famosos da humanidade. Isto é fama.

01		<u>Musas II.</u>					01
02		<u>As nove.</u>					02
03		Como sempre acontece com mitos, a consideração atenta do cul <sup>103</sup>					
04		to das musas revelaria inúmeros aspectos dos problemas que nos afligem <sup>04</sup>					
05		na atualidade. Eis a história abreviada do culto: Originalmente eram <sup>05</sup>					
06		ninfas que guardavam, (ou faziam brotar?), fontes. Mais tarde passa <sup>06</sup>					
07		ram a deusas do canto. Enquanto deusas do canto eram três, a saber: <sup>07</sup>					
08		"Reflexão" (Melete), "Memória" (Mneme), e "Melodia", (Aoide). Não res <sup>08</sup>					
09		ta dúvida que tal mito sugere toda uma teoria da música, ou várias te <sup>09</sup>					
10		orias divergentes. Por exemplo: A música brota, qual fonte, da memó <sup>10</sup>					
11		ria, e, depois de trabalhada pela reflexão é transformada em melodia. <sup>11</sup>					
12		E não resta dúvida que o espírito moderno, quando lê tal mito, é sur <sup>12</sup>					
13		preso pela profundidade da penetração do problema por mentes ditas pr <sup>13</sup>					
14		mitivas. Trácios do nono século a.C., rudes pastores de cabras, li <sup>14</sup>					
15		gando memória, reflexão e melodia para "explicar" o canto. <sup>15</sup>					
16		Ná época clássica multiplica as três musas por três, e modi <sup>16</sup>					
17		fica totalmente o seu papel na cosmovisão grega. Como se deu isto? <sup>17</sup>					
18		Quem "decidiu" que as musas não são três mas nove, e que são deusas, <sup>18</sup>					
19		não do canto, mas das artes? E por que decidiu? Ao formularmos tais <sup>19</sup>					
20		perguntas, sentimos que são mal colocadas. A "manipulação" de mitos <sup>20</sup>					

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (pe) à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 no máximo 4 parágrafos, e no máximo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas escritas.

01 ocorre provavelmente em camadas inconscientes e coletivas da mente, de 01  
 02 modo que devemos dizer que mitos não são manipulados, mas manipulam. 02  
 03 Não obstante, embora de origem inconsciente, agem poderosamente para 03  
 04 conscientizar a humanidade. Antigamente, e também atualmente. Por ex- 04  
 05 emplo: o mito das nove musas ajuda tornar consciente o problema da arte. 05  
 06 As nove musas são filhas de Zeus e de Mnemosyne, (da ordem 06  
 07 e da memória portanto). E são estas: história, lírica, comédia, tra- 07  
 08 gédia, dança, erotismo, canto, astronomia, e novela. São estas seis 08  
 09 as nove artes, na cosmologia dos gregos. A mera enumeração espanta 09  
 10 a mente moderna. Por inclusão, por exclusão, e por desdobramento. A 10  
 11 história e a astronomia são artes, e a pintura e escultura não são ar- 11  
 12 tes? A poesia é dividida em lírica, épica, (novela), e pornografia, 12  
 13 (Erato)? A música é apenas canto (Polymymnia)? A consideração do mi- 13  
 14 to das musas convida insistentemente para uma reconsideração das estru- 14  
 15 turas vigentes nos cursos de arte. Tarefa muito salutar esta. 15  
 16 No helenismo as musas passam a pretextos arquitetônicos e 16  
 17 são expulsas da cena na Idade média pelo cristianismo. Passam a bru- 17  
 18 xas. No renascimento renascem, como tanta outra coisa, na forma de me- 18  
 19 táforas, maneiras de falar, e outras mentiras. Por explosão demográfi- 19  
 20 ca inspiram no romantismo poetas e atualmente namorados. Decadência 20  
 triste.

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 5 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (pe) à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que forem iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 ou máximo 4 parágrafos, e no mínimo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas emendas.

01 Musas III. 01

02 As intelectuais. 02

03 As musas são divindades muito antigas. Embora sempre asso- 03

04 ciadas à Trácia arcáica, (Orfeu é seu filho coletivo), devem ter sido 04

05 trazidas pelos helenos da sua pátria siberiana esquecida. De forma 05

06 que o próprio termo "musa" aponta raízes etimológicas obscuras. "Mou- 06

07 sai" deve ter sido antes "moisai", e talvez "moitai" originalmente. 07

08 E isto significa aproximadamente "as mentais", ou as intelectuais, no 08

09 dernizando um pouco. Intelectuais como divindades arcáicas, quicá si- 09

10 berianas? E por que não, afinal das contas? A Sibéria continua for 10

11 necendo intelectuais candidatas à divindade, e quem quiser imaginar 11

12 versões atualizadas de musas, que imagine as heroínas de Tostoi e de 12

13 Dostáievski. E não será acaso a Rússia a continuadora legítima da Gré- 13

14 cia, tanto a Rússia czarista quanto a socialista? 14

15 Mas devemos admitir que a imagem que fazemos atualmente da 15

16 intelectual não coincide com a nossa imagem da musa. Para nós as mu- 16

17 sas, embora não particularmente eróticas, são nitidamente femininas 17

18 num sentido caro ao chauvinismo masculino: suaves, belas, emotivas e 18

19 sobretudo áteis. E as intelectuais, pelo contrário, tendem a ter 19

20 culos grossos, unhas sujas, e opiniões contrárias às nossas. E ten- 20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher de clara do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (pe) à última delas, após a numeração. 3) Principiar os parágrafos a 3 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 e no máximo 4 parágrafos, e no mínimo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas emendas.

01 dem a discutir, em vez de fazerem amor ou o almoço. A explicação é es 01

02 ta: para nós intelecto e emoção se divorciaram, e para os gregos ar- 02

03 cáicos devem ter-se confundido. E o divórcio é grave sintoma. 03

04 Para nós o intelecto domina a emoção, disciplina a emoção, e 04

05 e assume destarte o governo da cena. Governo muito frágil, porque a 05

06 emoção tende a rebelar-se. O terror surge, não quando o intelecto do 06

07 mina, mas quando é emocionalmente derrubado. Não que para nós não 07

08 exista a emoção intelectual, o amor intelectual, a beleza do intelecto. 08

09 Mas são movimentos do intelecto contra a emoção, o amor e a beleza no 09

10 sentido primário do termo. Em compensação admitimos uma lógica na 10

11 própria emoção, e que o coração tem razões que a razão ignora. Mas 11

12 são lógicas e razões contra a lógica e a razão propriamente ditas. 12

13 Por isto as musas nos abandonaram. Por isto as artes se di 13

14 vidiram em "belas artes" e em tecnologia. Por isto temos filósofos 14

15 de um lado, e professores de filosofia do outro. Por isto há os que 15

16 desprezam os intelectuais, (e mais ainda as intelectuais), e outros 16

17 que desprezam o "mero" utilitarismo, e o emocionalismo "barato". Por 17

18 que há barreira entre os nossos cérebros e nossos corações, com fal- 18

19 so coração no cérebro, e falso cérebro nas tripas. Procuremos re-en 19

20 contras as musas. Procuremos ser intelectuais com coração e tripas. 20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 8 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os claros do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (pe) à direita delas, após a numeração. 3) Principiar os parágrafos a 3 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 no máximo 4 parágrafos, e no máximo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas redações.

01 Musas IV. 01

02 As bocas. 02

03 Uma das dificuldades da leitura de textos antigos é esta: é 03

04 difícil captar as conotações dos termos para os autores do texto. Por 04

05 exemplo: quando um poeta romântico diz "cante, oh Musa", sabemos que 05

06 está dizendo isto porque acha bonito. E quando um poeta renascentis 06

07 ta diz isto, sabemos que está recorrendo a alegoria. Mas quando um 07

08 poeta arcáico diz a mesma coisa, devemos admitir que se trata de pre 08

09 ce. O difícil é captar a prece. Estará o poeta pedindo que a Musa 09

10 se utilize dele enquanto boca? Ou estará ele provocando a Musa para 10

11 que "baixe"? Em outras palavras: estará o poeta na situação do pro- 11

12 feta que diz "é Jeová quem fala", ou na situação do pai de Santo? Ou 12

13 em situação diferente de ambos? Boa pergunta, se for feita não em es 13

14 pírito das faculdades de letras, mas visando nossas próprias vidas. 14

15 Porque o poeta arcáico não morreu e desapareceu da cena. Con 15

16 tima ativo dentro de nós, e nós somos ele em raros momentos. Quando 16

17 repentinamente brota do nosso íntimo pensamento, ou sentimento, ou sim 17

18 plesmente alguma sentença que surpreende a nós próprios, estamos na si 18

19 tuação arcáica: quem é responsável por isto? Nós, ou a Musa? É claro: 19

20 quando nós dizem "Musa", dizemos a palavra sempre entre aspas, porque 20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços do cabeçalho da lauda e acrescentar um X [na] à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que forem iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 no máximo 4 parágrafos, e no mínimo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas emendas.

01 Mas nunca somos apenas arcaicos, mas somos sempre um pouquinho também 01

02 renascentistas, românticos e atuais, até nos instantes raros de arre- 02

03 batamento. Mas em tais momentos raros podemos vislumbrar a situação 03

04 arcaica: deixar de ser eu, e passar a ser boca de outrem, talvez boca 04

05 de Outrem inteiramente diferente de mim mesmo. Passar a ser posses- 05

06 so. Ser boca da Musa é isto: deixar de ser eu, estar fora de si, 06

07 portanto é loucura. Mas é loucura inteiramente diferente tanto da pa- 07

08 cose quanto da alienação, porque é loucura <sup>(na qual)</sup> paradoxalmente assume res- 08

09 ponsabilidade. Assim: não sei dizer como se formou e formou tal pen- 09

10 samento dentro de mim, mas assumo agora tal pensamento enquanto meu. 10

11 Não sei dizer como pude fazer tal poesia, (ou quadro, ou teoria cien- 11

12 tífica), e estranho tal poesia quando articulada, (publicada), já que 12

13 não me reconheço nela. Mas isto não me isenta da responsabilidade por 13

14 ela. Pelo contrário: por ser inexplicável, é verdadeiramente eu. 14

15 Tal experiência rara, quando ocorre, é vivenciada por mim em 15

16 quanto libertação do cárcere do eu. É claro: "objetivamente" não é in- 16

17 explicável. A psicologia, a sociologia, a antropologia podem explicá- 17

18 la. Que se danem. Porque, ao explicarem, matam a experiência liber- 18

19 tadora. Agarro-me, arcaicamente, à Musa, e sou sua boca. Embora, ao fa- 19

20 zê-lo, saiba das explicações possíveis. Mas fê? Que seja. Oremos à Musa. 20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços da cabeça da lauda e acrescentar um X (pe) à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no máximo 2 ou máximo 4 parágrafos, e no máximo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a matéria antes de entregá-la. 7) A máxima clareza nas emendas.

01 Musas V. 01

02 As aspas. 02

03 Quando dizemos "Musa", dizemos a palavra sempre entre aspas. E 03

04 que, esclarecidos que somos, não cremos em musas. Embora digamos ter 04

05 mos derivados de tal palavra sem aspas. Por exemplo: museu. E que, 05

06 cultos que somos, cremos em museus. Ou cremos? Na Antiguidade museu 06

07 é lugar dedicado ao culto das musas. Decididamente, nisto não cremos. 07

08 O Renascimento fez renascer o museu enquanto lugar de culto da cultu- 08

09 ra. Será que cremos nisto? Francamente, duvido. Desafio a museologia. 09

10 O Renascimento é praga. Botou toda a nossa tradição arcaica 10

11 clássica entre aspas. Transformou Zeus em "Jove", Hercules em "Er- 11

12 cole", e as musas em "museus". E o Renascimento é praga que se espal- 12

13 hou Idade moderna a dentro. As aspas se multiplicam. O Romantismo 13

14 acrescentou mais um par, assim: de "Jove" fez "Jupiter", de "Ercole" 14

15 fez "o Titânico", e de "museu" fez "a arqueologia". E nós, aí de 15

16 nós, estamos colecionando mais pares de aspas. Tudo se dá, para nós, 16

17 entre múltiplos pares de chifres. Os cornos o mostram: fomos traidos. 17

18 Não se pode crer naquilo que está entre aspas. É preciso a 18

19 pagá-las. Mas como? Hasserl cre que é preciso destruir Kant, Descar- 19

20 tes e Aristóteles, nesta ordem. Tem razão possivelmente. Basta, creio. 20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os claros do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (pe) à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma linha em que forem iniciados. 4) Evitar frase de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 2 no máximo 4 parágrafos, e no mínimo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir a máquina antes de entregá-la. 7) A máquina claraza nas emendas.

	1	2	3	4	5	6		
01	tentar	destruir	o	romantismo	e	o	renascimento. Tarefa dura. Mas pos	01
02	sível.	Destruido	o	romantismo,	descobrimos	a	beleza do iluminismo, e	02
03	destruido	o	renascimento,	descobrimos	a	beleza do gótico	tão horrível	03
04	mente	obstruido	por	ele. E	pelas	janelas	claras do iluminismo e cole	04
05	ridas	do	gótico	podaremos	podaremos	vislumbras	os nossos antigos sem	05
06	aspas:	as	nossas	raizes. Pelas	janelas	do	iluminismo veremos a sua	06
07	verdadeira	ciência	e	filosofia,	e	pelas	janelas do gótico a sua ver-	07
08	dadeira	fé	e	religiosidade. As	duas	janelas	nos mostrarão as musas,	08
09	Destruir	as	aspas	é	um	tanto	difícil. E que seja apenas porque	09
10	destruir	em	geral	é	difícil. Coisa	que	tendemos a esquecer atualmen-	10
11	te,	construtores	que	somos. Por	exemplo:	destruir	a Europa durante a	11
12	guerra	foi	difícil	e	caro,	mas	reconstruí-la foi fácil, por mais que	12
13	se	fale	em	milagres. É	que	o	homem é por natureza bicho construtivo.	13
14	Mas	destruir	aspas	é	o	mais	difícil de tudo. E que é tentativa de des-	14
15	truir	conhecimentos	que	barram	o	caminho	até a coisa mesma. Pode ser	15
16	definido	assim:	tentativa	de	destruir	parte	de si próprio para desob-	16
17	struir	o	caminho	rumo	à	ingenuidade	perdida, na qual as musas mostram	17
18	o	que	são,	musas	e	não	"musas". Tentativa de reconquistar a fé portanto.	18
19	É	difícil. Mas	as	musas	precisam	ser	redescobertas, sob pe-	19
20	na	de	desaparecer	o	sentido	da	vida por entre TVs construídas em massa.	20

RECOMENDAÇÕES: — 1) Escrever à máquina, em 3 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços do cabeçalho de lauda e acrescentar um X (pa) à última delas, após a numeração. 3) Princípiar os parágrafos a 5 espaços da margem esquerda e concluir todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciados. 4) Evitar frases de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no máximo 2 no máximo 4 parágrafos, e no máximo 1 e no máximo 2 intertítulos. 6) Corrigir e retálar antes de entregá-la. 7) A máquina clara nas emendas.

## Xadrez

Lá está o tabuleiro de xadrez com suas 32 peças. Curioso aglomerado de coisas. Plano coberto geomêtricamente por 64 quadrados escuros e claros, a própria imagem do iluminismo. E 32 peças de madeira barrocas. Como captar a essência desse grupo de coisas?

Tomem o peão como exemplo. O essencial nele não é que seja madeira, nem amarelo, nem que tenha a forma de pagode em caricatura, nem sequer que tenha sido feito com o propósito de fazer parte do jogo. O essencial nele é isto: poder avançar verticalmente e poder comer diagonalmente. É sua essência formar pares diagonais poderosos e pares verticais importantes, e poder fazer o salto dialéctico em dama na última fileira. Tal essência, latente no pião, torna-se patente no jogo, e na reflexão, (como agora).

Tomem a torre como exemplo. Lembra as torres mouriscas nas praias de Andalucia, e isto não pode ser acaso. Diz respeito à história do jogo. Mas o aspecto histórico não é a essência da torre, embora os historicistas, (dialécticos ou não), possam afirmá-lo. A sua essência, pelo contrário, é esta: poder dominar, qual tanque irresistível, em sentido horizontal e vertical o campo todo, arrazar tudo no seu avanço, mas ser impotente diagonalmente. Essência contraditoria esta. Domina o carácter da torre. No início se esconde, tímida, no seu canto. No meio do jogo torna-se orgulhosa e brutal, para mudar imperceptivelmente no desenvolvimento do jogo. Procura cercar astutamente os peões diagonais que castram, em sua humildade aparente, a sua potência dominadora. Se conseguir cercá-los, perpetra um genocídio impiedoso nas fileiras do inimigo. No final, no entanto, procura barrar o avanço de um unico peão antes desprezado, e requer a protecção do próprio Rei em tal tarefa humilhante. A essência da torre é o heroísmo de um determinado tipo, não muito belo.

Como conseguiu a reflexão desvendar a essência enxadística das peças? Certamente não olhando as peças in-

comer diagonalmente. É sua essência formar pares diagonais poderosos e pares verticais importantes, e poder fazer o salto dialéctico em dama na última fileira. Tal essência, latente no pião, torna-se patente no jôgo, e na reflexão (como agora).

Tomem a torre como exemplo. Lembra as torres mouriscas nas praias de Andalucia, e isto não pode ser acaso. Diz respeito à história do jôgo. Mas o aspecto histórico não é a essência da torre, embora os historicistas, (dialécticos ou não), possam afirmá-lo. A sua essência, pelo contrário, é esta: poder dominar, qual tanque irresistível, em sentido horizontal e vertical o campo tódo, arrazar tudo no seu avanço, mas ser impotente diagonalmente. Essencia contraditoria esta. Domina o carácter da torre. No inicio se esconde, tímida, no seu canto. No meio do jôgo torna-se orgulhosa e brutal, para mudar imperceptivelmente no desenvolvimento do jôgo. Procura cercar astutamente as peças diagonais que castram, em sua humildade aparente, a sua potência dominadora. Se conseguir cercá-los, perpetra um genocídio impiedoso nas fileiras do inimigo. No final, no entanto, procura barrar o avanço de um unico peão antes desprezado, e requer a protecção do próprio Rei em tal tarefa humilhante. A essência da torre é o heroismo de um determinado tipo, não muito belo.

Como conseguiu a reflexão desvendar a essência exactística das peças? Certamente não olhando as peças ingenuamente e sem preconceitos. Mas recorrendo ao conhecimento do jôgo. Quem ignorar o jôgo nada jamais descobrirá a respeito. As peças de xadrez são artificiais obras de arte. Quem procurar descobrir a essência de uma obra de arte ingenuamente, ("fenomeno logicamente"), não será, receio, muito bem sucedido. O conhecimento do jôgo é, creio, indispensável.

Diz Omar Khayyam que tudo isto aqui não passa de tabuleiro de xadrez, coberto de dias e noites, no qual o Destino joga, usando-nos como peças. Se quisermos descobrir a essência de tal jôgo do qual somos peças, devemos tentar conhecer-lhe as regras.

Sexta-feira, 4 de fevereiro de 1972

## Posto Zero

### Considerações transitorias

VILÉM FLUSSER

*É sabido que o trânsito em São Paulo é problema. De modo que toda sugestão para resolver o problema é oportuna. Já que todo cidadão é contribuinte, (queira ou não queira), serão contribuídas em seguida algumas sugestões para resolver o problema. (1) Facilita a conversão, a virada e abertura para a esquerda, atualmente tão difíceis nas avenidas. (2) Para melhorar o serviço de taxis, não recorrer apenas a choferes de praça, mas também de avenida, rua e viaduto. (3) Para moralizar o trânsito nas Avenidas Marginais, mudar seu nome, por exemplo, para Avenidas Senhoras da Alta Sociedade. (4) Fazer uma ligação direta entre o Paraíso e a Liberdade. (5) Para despertar o interesse da população feminina pelo trânsito, (e, acidentalmente, acompanhar o espírito do tempo), mudar o nome da Praça Patriarca para Praça da Matriarca. (6) Marcar os lugares de estacionamento proibido com placas dizendo "São Paulo não pode parar". (7) Não mais falar em "acidentes de trânsitos", mas em "atributos de trânsito", e citar Aristóteles para justificar a mudança da nomenclatura. (8) Fazer um viaduto do tipo "Triborough Bridge" entre os do Chá e do Café, e chamá-lo "Viaduto da Coca-Cola". (9) Construir um Quilometrô entre São Paulo e Santos. (10) Marcar com nitidez as derradeiras metas do todo trânsito, por exemplo fazer um enorme luminoso no centro com os dizeres "Cemitério da Consolação".*

*Se as medidas sugeridas forem aplicadas e não derem o resultado desejado, (que é transitoriedade não perturba por permanência), terá sido provado empiricamente que o problema do trânsito não tem solução, e portanto é problema falso, (veja-se Wittgenstein: "Tractatus") O que também não deixa de ser solução do problema.*